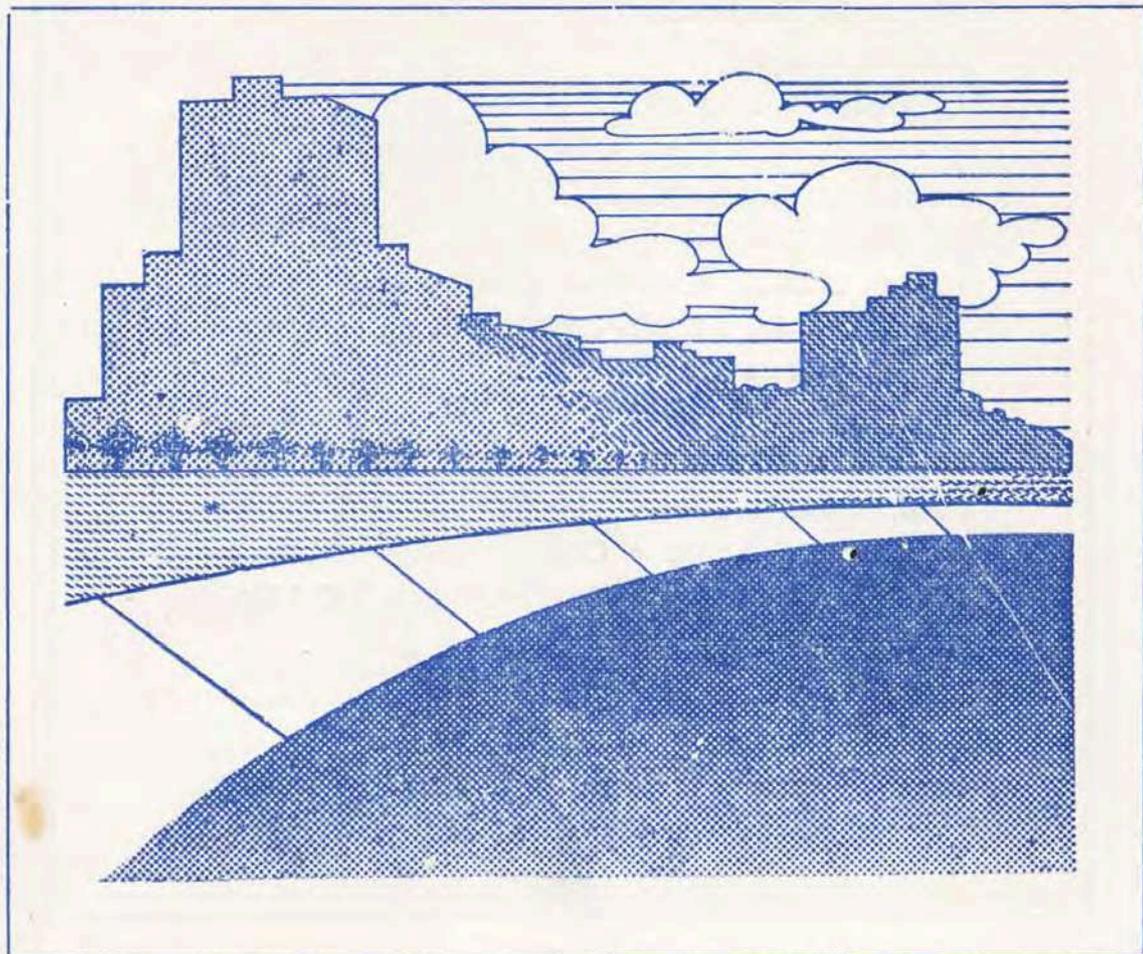


Blumenau em Cadernos

TOMO XXXV

Maio de 1994

Nº. 5



IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Schrader S/A. Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeira Odebrecht Ltda.

Arthur Fouquet

Paul Fritz Kuehnrich

Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.

Cristal Blumenau S/A.

Sul Fabril S/A.

Herwig Shimizu Arquitetos e Associados

Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.

Maju Indústria Textil Ltda.

Casa Buerger Ltda.

UNIMED - Blumenau

Casa Flamingo Ltda.

Gráfica 43 S/A Ind. e Com.

Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.

Genésio Deschamps

Padre Antonio Francisco Bohn

Curt Fiedler

Altamiro Jaime Buerger

Arnaldo Buerger

Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXV

Maio de 1994

Nº. 5

SUMÁRIO

Página

| | |
|--|-----|
| O prussiano que a mata abrazeou (IV) — Theobaldo Costa Jamundá | 130 |
| Figura do Presente — Pe. Antônio Francisco Bohn | 132 |
| Casarão preserva a memória e a identidade arquitetônica | 134 |
| Autores Catarinenses — Enéas Athanázio | 135 |
| Otto Wille, uma figura inesquecível — Otto Wille | 137 |
| Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff | 142 |
| Figuras do Passado — Antônio Roberto Nascimento — Adair José de Aguiar | 143 |
| Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta | 146 |
| Aconteceu... — Abril de 1994 | 149 |
| Genealogia das Famílias Gehrent / Schmidt / Silva / Gorges — Pedro E. da Silva | 152 |
| Curiosidades de uma época — S.C. Walle / 1993 | 156 |
| Raízes da Sociedade Recreativa Indaial | 157 |
| Registros de Tombo de São Francisco do Sul — Pe. Antônio Francisco Bohn | 158 |
| As Bodas de Ferro do casal Werner-Bernardine Garni | 160 |
| Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves | 160 |

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) 7,94 URVs
Número avulso 1,00 URV'

Assinatura para o exterior (porte via aérea) 11,00 URVs

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-17-11
89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

Ô PRUSSIANO QUE A MATA ABRASILEIROU (IV)

(Dr. Odebrecht: integração, dedicação e 15 filhos)

Theobaldo Costa Jamundá

5. BERTA NO OFÍCIO DE MÃE QUE A SOLIDÃO ENSINOU

Dir-se-ia que Berta decifrou os segredos da paisagem virgem sozinha, e leu o poema da esperança como a manhã de cada dia ensinou.

— Emil, seu marido, trabalhava onde Deus queria. — E na resignação Berta sabia, que na Colônia a solidão concretizava sonhos.

— E com temperamento para praticar tanto, Berta a mãe dos primeiros Odebrecht brasileiros, foi a metade perfeita e ativa da vida familiar em que Emil aparece: homem, pai, cidadão.

Agora neste tempo de ver quem foi o engenheiro Emil se tem a dedução que os dois fizeram um lar comum, naturalmente, como outros da Colônia de Blumenau. — E do que não se tem dúvida é que Berta competiu, assim como fosse a própria sina, como a própria vocação feminina, assumiu o encargo de dona-de-casa: MÃE. — PERFEITAMENTE MÃE.

— Na abrangência colonial mãe igual como outras, entretanto igual àquelas que os maridos operavam tarefas fora de casa, por lugares ínvios, distanciados e por veredas de agressividades incontáveis.

(Pode-se indicar o livro de Valburga Huber, *Saudade e Esperança como de suficiências explicativas da mulher na COLONIE BLUMENAU*. Ao interessado no assunto é indispensável. Pondero que no território catarinense nas áreas das fren-

tes pioneiras de 1850 e 1851 (Blumenau e Joinville) a mulher apresentou-se como a companheira com o mistério divino de ser mãe; nos múltiplos quefazeres consumiram-se. Todas as mulheres de todas etnias consumiram-se para que o homem assumisse vanguardas).

— Woldemar (meu sogro) e Edgar (meu amigo e tio político que muita gente gostaria de ter igual) disseram-me em conversa vai conversa vem, que Berta, foi sempre a de todo dia e noite. — Tiveram-na sempre como os outros irmãos onde o pai não estava e mais ainda onde ela, e no seguro exercício de mãe não faltava.

— Se orgulho sentiam como sentiram do pai Emil, operoso motivador do aproveitamento de sol e chuva para o progresso; teimoso operador de crença na pátria dos filhos (a dele também por opção) da mãe Berta lembravam-na que fora a que avisara sobre as quinas, as pontas e as esquinas da vida na frente da meninice. — Sobre uma vanguarda que chega porque o tempo passa pelo menino sem dizer alguma coisa conotada com a roupa de homem que vestirá. — E vestirá sem intervalo para pensar.

— Foi Berta no ofício de mãe que a solidão ensinou quem disse aos filhos: o por quê da igreja; o por quê da escola; o por quê crescer para ser gente; o por quê ser gente com pé direito no degrau para subir ou para descer.

(Esta ética em forte e permanente força de vontade da mãe imigrada, é a diferença, se comparada com a da mulher mãe nativa: a imigrada na opção para ficar enraizada, e a nativa era fruto de árvore de enraizamento telúrico).

— Berta (como outras mães nas frentes colonizadoras junto aos maridos) assumiu contribuição fundamental para que Emil usasse as suficiências profissionais certo que seu lar funcionava organizado. — Por isso a certeza deduzida sobre a artesanaria materna de Berta (avó de Ruth, mãe de Woldemar) também a razão de seu envolvimento na tentativa do poema. Sem esta mostra do seu papel a explicação do lar dos «Odebrecht brasileiros, ficaria incompleta, e o entendimento do homem Emil Odebrecht também.

— No universo desta família, onde a árvore nasceu a harmonia do casal fecundou a importância do nome: existiu uma engenharia moral, religiosa e social.

6. HAMBURGUESA BERTA E SEUS PAIS

Berta Bichels, nasceu em Hamburgo a 12 de janeiro de 1844 e faleceu em Blumenau, SC a 10 de abril de 1910. — Como Emil está sepultada no Cemitério Evangélico de Blumenau.

— É o espaço sagrado onde estão pioneiros contemporâneos do dr. Fritz Müller e ele também, nele existem lápides e alguns que fizeram a História regional sendo a própria. A lápide da família Odebrecht como doutras documentam existência de mulheres que ofereceram

filhos à Pátria da Esperança: fração brasileira na geografia catarinense, Blumenau).

O pai de Berta foi Heinrich Bichels também hamburguês nascido a 17 de março de 1812 e veio falecer em Blumenau a 22 de fevereiro de 1884.

— A mãe chamou-se Johanne Rebeca Bichels que nasceu a 30 de agosto de 1817 e viveu até o dia 17 de julho de 1909 na Colônia de Blumenau.

A família Bichels na pátria de origem sofreu com o histórico incêndio de Hamburgo — Diz a crônica que foi na pobreza que os Bichels decidiram pela imigração para o Brasil ou mais diretamente para a Colônia de Blumenau. E nesta chegaram durante o ano de 1857 num veleiro chamado «Franklin» que consumiu 14 semanas até o porto de Itajaí, SC.

Na verdade a família para sentir sob os pés o solo da Colônia de Blumenau viajou dezessete semanas, pois, de Itajaí até o rancho dos imigrantes gastou mais três semanas. — Na mais perfeita das somas os Bichels viajaram quatro meses e dias.

Mas este viajar de meses e dias foi num veleiro dos que navegavam em 1857, igual a outras embarcações da época: dependiam dos ventos e não ofereciam as mais elementares condições de asseio. — Eram embarcações pouco melhores que os navios tumbeiros clássicos no tráfico de escravos da África.

(Continua)

DOM ORLANDO BRANDES

Pe. Antônio Francisco Bohn

O novo bispo da Diocese de Joinville, Dom Orlando Brandes nasceu em Urubici (SC), Diocese de Lages, no dia 13 de abril de 1946. É filho de Gregório Brandt e Hilda Morais Brandt, já falecidos. Possui seis irmãos: Oswaldo (in memoriam), Melita (in memoriam), Osmar, Osni, Mafalda e Jaime. Um erro de registro em Cartório lhe trouxe o sobrenome Brandes. Seus pais foram durante anos os ministros do culto religioso na Capela Nossa Senhora da Consolação no interior do município. Por ocasião da visita dos padres àquela comunidade, frequentemente hospedavam-se na casa de seus pais e esta familiaridade foi despertando o interesse em seguir o ministério sacerdotal. Além disso, seu irmão mais velho já estivera no seminário, embora ele próprio ainda fosse muito pequeno.

Completo o curso primário numa escola reunida de Urubici. Ingressou, a partir de então, no Instituto e Seminário São João Maria Vianey na cidade de Lages. Neste Seminário Menor tudo lhe parecia muito estranho, porque já trabalhara dois anos como operário na Serraria Fett em sua terra natal. Gradativamente foi-se familiarizando com a nova realidade: os amigos, os estudos, a formação. Acompanhava bem todas as disciplinas, porém não manifestava muito interesse pelo latim. Concluiu o curso em novembro de 1965.

Dando prosseguimento aos seus estudos, cursou a Faculdade

de Filosofia na Universidade Católica do Paraná em Curitiba, de 1966 a 1968. Seguiu para Roma onde, na Universidade Gregoriana, alcançou os títulos de Bacharelado e Licenciatura em Teologia em 1972. Um ano depois, especializou-se em Teologia Moral na Academia Alfonsiana também em Roma. Sua especialização em Moral foi uma solicitação do recém-criado Instituto Teológico de Santa Catarina — Itesc — através de seu primeiro e saudoso diretor Pe. Paulo Bratti. Os estudantes do clero catarinense que estavam no Paulinum em Curitiba seriam transferidos para Florianópolis e havia a necessidade de novos professores que assumissem a formação intelectual.

Seus pais mudaram-se para o Paraná, após o término do ciclo da madeira em Urubici e o sudoeste do Estado era uma região promissora: boas terras e início de colonização. Deve-se a isto o fato de ter sido ordenado em Francisco Beltrão no dia 6 de julho de 1974 por Dom Honorato Piazero. Sua ordenação acontece após o término do Concílio Vaticano II, numa época de aplicação das mudanças ocorridas gerando uma espécie de crise, mas lembra que houve uma vibração popular muito forte que o animou. Toda a preparação de tão festiva data esteve a cargo dos cursilhistas locais. Transferiu-se então para Florianópolis.

Durante estes 20 anos de sa-

cerdócio, desempenhou os seguintes trabalhos: professor de Teologia Moral e Dogmática no Instituto Teológico de Santa Catarina (1974-1994), Vice-diretor do Instituto (1974-1982), Diretor do Itesc (1982-1984), Diretor do Seminário Teológico (1987-1989), orientador do Seminário Teológico Dom Honorato Piazero (1990-1994), presidente, vice-presidente e Juiz do Tribunal Eclesiástico Regional de Florianópolis, assistente espiritual do Seminário Teológico Nossa Senhora de Guadalupe da Diocese de Joinville em Florianópolis (1990-1994), pregador de Retiros Espirituais, autor de vários artigos publicados em revistas de Teologia e jornais da capital, auxiliar na Catedral Metropolitana e na Paróquia Nossa Senhora de Fátima no Estreito, animador de diversos cursos de Teologia em diversas Dioceses e, por espírito missionário, costumava passar suas férias escolares em várias paróquias carentes do Estado e em outros, especialmente Bahia, Mato Grosso, Acre e Piauí.

Dom Orlando é grande animador de movimentos pastorais, principalmente a Renovação Carismática Católica. Como ela esteve abandonada pelo clero catarinense durante algum tempo, acreditou ser uma injustiça e um perigo se não houvesse um interesse pelo seu acompanhamento. Mesmo recebendo repressão de setores da Igreja, procurou conhecer, apoiar, criticar e orientar o movimento de renovação. Também em Florianópolis sempre acompanhou um grupo de médicos e professores universitários num trabalho religioso que perdura até hoje.

Bastante calmo na sua maneira de expressar-se, de temperamento cordial, possui idéias claras e

seguras e é um grande orador. Possui um hobby «sui generis» que é o de visitar livrarias e guardar sacolas de plástico para uso do cotidiano. Foi operário antes de entrar para o Seminário e, por isso, entende a vocação sacerdotal como «ser operário da messe». Foi nomeado para uma região de operários e para uma Igreja Particular que despertou a consciência de uma Igreja Ministerial.

Acredita que tem pela frente muito trabalho no campo pastoral e prioriza algumas delas: Pastoral Social, da Criação, da Educação Política, Vocacional e Familiar. Possui uma postura ecumênica e de respeito e diálogo com as Igrejas Cristãs. No que diz respeito ao laicato, enfatiza que, sem o leigo, a Igreja é uma cabeça sem corpo. O leigo pelo batismo «tem o sacerdócio 1º.» Para servi-los «existe o sacerdócio 2º. — o ministerial». Sobre o papel que a Igreja deve assumir na pós-Modernidade ressalta ser de suma importância o auto-evangelizar-se para evangelizar, o evangelizar os batizados, uma Igreja ministerial-evangelizadora. No que se refere ao futuro, lembra que é preciso suprir as omissões e deixar de lado o muito falar para começar a ser presença.

Foi escolhido pelo papa João Paulo II no dia 9 de março deste ano como o 3º. bispo de Joinville. Escolheu como seu lema episcopal: «Somos operários de Deus» (1 Cor. 3, 9). Foi ordenado na Catedral São Francisco Xavier em Joinville no dia 05 de junho sendo ordenantes principais: Dom Oneres Marchiori (bispo de Lages e presidente do Regional Sul IV da CNBB), Dom Gregório Warmeling (administrador apostólico de Joinville), Dom Eusébio Oscar Scheidt (arce-

bispo Metropolitano de Florianópolis). Estiveram presentes à celebração eucarística numerosos outros arcebispos e bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas. Uma ativa participação popular manifestou sua alegria e expressivas autoridades dos poderes constituídos trouxeram a solidariedade.

Dom Orlando Brandes assumiu a Diocese de Joinville (território da qual Blumenau faz parte) criada em 17 de janeiro de 1927 pela Bula «Inter praecipuas» do papa Pio XI, desmembrada da nova arquidiocese de Florianópolis. Seus antecessores foram: Dom Joaquim Domingues de Oliveira (admi-

nistrador apostólico) de 1927 a 1929; Dom Pio de Freitas Silveira, CM (1º. bispo) de 1929 a 1955; Dom Inácio Krause (administrador apostólico), de 1955 a 1957; Dom Gregório Warmeling (2º. bispo), de 1957 a 1994. O território da Diocese abrange 11.689 km² do nordeste do Estado de Santa Catarina e uma população estimada em 1 milhão e duzentas mil pessoas. Seus limites são: Oceano Atlântico, as arquidioceses de Curitiba (PR) e Florianópolis (SC) e as Dioceses de Paranaguá (PR), Rio do Sul (SC), Caçador (SC) e União da Vitória (PR). Deus o conserve «ad multos annos».

Casarão preserva a memória e a identidade arquitetônica

Uma das casas que acompanha o crescimento de Blumenau e que vê a rua São Paulo acordar com um trânsito intenso todos os dias, tem o número 1.360 e é de propriedade de Maria Antonieta Eble. Ela conta que a arquitetura da casa chegou às características atuais em reforma idealizada pelo seu marido Balthazar Eble, que comprou a residência em 1975. A proprietária, atualmente viúva, conta que nos primeiros anos de sua chegada, a rua São Paulo era um lugar pacato, que nem de longe lembra a agitação atual de veículos.

A casa foi construída em 1927, provavelmente pelo engenheiro Eugen Brunner, que foi responsável por várias outras construções de Blumenau. O neto do engenheiro, Klaus Diether

Brunner, residente em Timbó, lembra que o casarão 1.238, da rua São Paulo, também é uma das obras do avô, que ergueu o prédio entre 1927 e 1928 e atualmente é ocupado pela família Labes. Outras construções do engenheiro Brunner podem ser encontradas na rua Hermann, Bom Retiro. O Teatro Carlos Gomes foi iniciado por ele, mas não conseguiu concluir, pois em 1939 retornava para a Alemanha.

Klaus diz que não consegue identificar outras casas criadas pelo avô porque a família não tem registro de todas as construções feitas por Eugen Brunner. Ele acredita que haja outros casarões construídos por Brunner, inclusive em Timbó.

(Transcrito do Jornal de Santa Catarina, pg. 10, do dia 1º.04.94)

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

Em livro hoje clássico sobre o assunto, Cremilda Medina analisou a responsabilidade social do jornalista, esse profissional que, mais que qualquer outro, mexe com a cabeça das pessoas e, por conseguinte, afeta a própria sociedade. Quanto mais sua atenção se sofisticava, como nas análises das manifestações culturais, maior o preparo intelectual necessário, razão pela qual os grandes meios de comunicação destinam a esse jornalismo cultural os seus elementos mais qualificados, muitas vezes verdadeiros especialistas. Não raro se valem do trabalho de colaboradores que não são jornalistas. Nesse terreno, em todo o mundo, a contribuição dos escritores tem sido da maior significação. Quase todos exercem, ao lado da carreira de escritores, essa importante atividade jornalística.

No Brasil as coisas não diferem e os exemplos são muitos, ontem e hoje. Todos os escritores sobre cuja obra me debrucei com maior interesse escreveram muito na imprensa, sendo até difícil fixar o limite entre o criador literário e o homem de imprensa, tal a qualidade do que produziram para esta última, às vezes autênticos ensaios prontos para a perenidade do livro.

Monteiro Lobato foi um deles. Esteve presente na imprensa por quase meio século. Não apenas discutiu os problemas genéricos de nossa cultura, como nas crônicas hoje reunidas, em parte, nos volumes «Mr. Slang e o Brasil» e «Na antevéspera», mas também abordou problemas específicos, como a questão do livro, as artes plásticas, o teatro e o cinema, a arte de traduzir, a criação literária em prosa e verso, a língua e suas alterações, os grandes eventos culturais e inúmeros outros temas relacionados à cultura. Lima Barreto andou pelos mesmos caminhos e suas Obras Completas contêm uma parcela de sua produção nessa área, recolhida dos pequenos jornais com os quais gostava de colaborar. Ele detestava os grandes jornais, tanto que seu maior livro é uma crítica ferina ao «Correio da Manhã», o mais poderoso periódico da época. Gilberto Amado, Godofredo Rangel e Joaquim Inojosa exerceram com intensidade o jornalismo cultural. O último acabou se tornando o repórter da expansão modernista pelo Norte e Nordeste. Em Santa Catarina, o caso de Crispim Mira é ilustrativo: como jornalista profissional que era, deu ênfase aos assuntos da cultura.

Os modernistas, sem exceção, se entregaram ao debate cultural através da imprensa. Livros recentes resgatam parte dessa produção, como é o caso de «Será o Beneditino!», de Mário de Andrade, de «Estética e Política», de Oswald de Andrade, ou de «A Semana Revolucionária», de Menotti del Picchia, para mencionar apenas alguns.

De minha parte, guardadas as proporções, é o que tenho procurado fazer. Sem falar de minha longa colaboração na imprensa, lembro três experiências de que participei, todas em nosso Estado. Junto com

Edson Ubaldo, criei há muitos anos o tablôide «Notícias & Letras», na verdade muito mais letras que notícias. Apesar da precariedade dos recursos, foi bem recebido e publicou gente em evidência. Mais tarde, a partir de 1972, coordenei uma Página Literária durante quase dezoto anos, publicada nos últimos dez no jornal «Tribuna da Fronteira», da cidade de Mafra. Em virtude do notório descaso de nosso Estado pelas suas próprias coisas, a Página acabou mais conhecida lá fora e nos últimos tempos foi literalmente invadida pelos paranaenses. Atrás deles vieram paulistas, cariocas, baianos, pernambucanos etc. Eu recebia originais dos lugares mais incríveis e publiquei autores de quase todos os Estados. Muitos livros, revistas e jornais transcreveram, citaram e referiram matérias nela publicadas. Com muita persistência, consegui publicar diversos catarinenses e, entre eles, três ou quatro blumenauenses. Desde que cheguei nesta cidade venho procurando fazer a mesma coisa nas páginas de «Blumenau em Cadernos», focalizando de preferência a vida cultural e literária catarinense.

Se esse esforço tem alguma serventia, só o tempo dirá. Manuseando o vasto material reunido em tantos anos, noto que os verdadeiros escritores e poetas estão aí, produzindo e publicando, apesar das dificuldades; os outros, os diletantes, desapareceram sem deixar lembrança.

SEMINÁRIO

Convidado pelo SESC, estive na cidade de Ribeirão Preto (SP), onde participei do seminário «Monteiro Lobato, uma história bem contada», tendo falado sobre aspectos pouco conhecidos da vida e da obra do escritor. Entre os convidados estavam especialistas sobre o taubateano, como Cassiano Nunes e Fanny Abramovich, além de terem sido exibidos filmes baseados em sua obra e vídeos, realizando-se ainda uma exposição e outros eventos paralelos. Acompanhado pela coordenadora do seminário, a incansável Goreti Dias, eu e minha mulher visitamos o **campus** da USP, instalado na antiga sede de uma magnífica fazenda de café, e a curiosa praça das Sete Capelas. Houve bastante interesse pelos temas que abordei e muitas perguntas e questionamentos a respeito. O seminário foi muito bem organizado e constituiu uma bela homenagem ao escritor por ocasião de seu 112º aniversário de nascimento.

VARIADAS

A Galeria Municipal de Artes promoveu a exposição «Interespaços» de objetos e instalações de Linda Suzana Poll. Segundo o artista plástico Fernando Lindote, «são recortes e volumes de massa de papel reciclado» e «operam uma mudança significativa» na recente produção da artista. ** A Academia Catarinense de Letras convida para a posse do novo acadêmico, escritor Hoyêdo de Gouvêa Lins, eleito para a cadeira número onze, na vaga do saudoso amigo Glauco Rodrigues

Corrêa. Confesso que ignorava qualquer realização literária do empossado, razão pela qual fiquei deveras surpreso. ** A obra do artista plástico catarinense Luiz Henrique Schwanke, falecido no ano passado, está presente na «Bienal Brasil Século XX», aberta no dia 24 de abril como um evento preparatório da 22ª. Bienal Internacional de outubro. Assim Santa Catarina estará representado em ambos os eventos, neste último por Ivens Machado.

Otto Wille, uma figura inesquecível

A TRAJETÓRIA DE SUA VIDA DE IMIGRANTE, NARRADA POR ELE MESMO, NAS PÁGINAS DO ALMANAQUE QUE ELE MESMO EDITOU NA DÉCADA DE 1960

“MINHA IMIGRAÇÃO PARA HANSA-HAMMONIA HOJE IBIRAMA - NO ANO DE 1904

de OTTO WILLE

(Continuação)

Tudo isto lhe basta e ele vive tranqüilo e satisfeito. Quando se chega próximo a sua casa com o grito “ô de casa” ele convida para entrar, oferece logo um cafezinho e reparte com o visitante seu almoço, mesmo que seja pouco. Ele é um completo cavalheiro!

De todas estas explicações eu aprendi muito e também empreguei no futuro. Como agora já tinha ficado tarde, nos despedimos prometendo uma outra visita a esta boa gente. Algumas centenas de metros mais adiante, nos chamou o colono Johann Weidmann, para entrar em sua modesta casa. Ele nos serviu um copo de cachaça e tivemos que beber diretamente do garrafão. Não foi fácil para mim, beber esta forte bebida alcohólica, que queimava meu estômago, mas para não ofender Weidmann eu fiz este sacrifício. Para enfraquecer o queimor da garganta, eu pedi um copo d'água, o que ele o fez rindo.

Agora continuamos nossa caminhada, ouvimos vozes humanas e logo em seguida um buzinar. Será possível um ônibus na floresta? Chegamos a uma grande

clareira, Nova Bremen. As margens do rio ficava um rancho comprido, era o abrigo dos imigrantes que já havíamos visto nos prospectos de propaganda. Numa outra elevação, não muito distante do restaurante de Paul Krause. Dobramos a curva e nos dirigimos ao rancho dos imigrantes.

Chegando mais perto ouvimos vozes altas e o buzinar de um carro. Portanto nossos companheiros já tinham feito com os outros imigrantes que vieram antes e contavam a estes suas aventuras. Quando nos avistaram alguns deles vieram ao nosso encontro e nos acompanharam até a presença dos outros. Outra vez ouvimos a buzina para a recepção. Um homem alto saiu do grupo e nos cumprimentou em nome dos outros, era ele que buzina-va, era o barão de Karnap, que nos recebia amavelmente, mas de forma barulhenta. Como agora nosso grupo já tinha feito a última refeição programada, que o restaurante Krause ainda forneceu, meu pai e eu fomos convidados a participar do almoço com eles aqui. Depois de um aperto de mão com cada um, sentei-me

próximo ao fogo de cozinha num tronco de árvore para esperar por meu jantar.

Numa conversa muito variada soube que o barão von Karnap trouxera da Alemanha tanto a buzina do carro. Quando chegavam novos imigrantes, estes eram recebidos com buzinas. Ele chamava isto "lembrança da pátria", cervejas em garrafas ele sempre tinha de reserva, mas esta só recebia aquele que pudesse pagar e ele a vendia por um preço alto.

Do encarregado do rancho, senhor Peters, foi indicado uma dependência para cada família. Oferecia alguns beliches colocados um em cima do outro, como o que tínhamos no navio e agora já se haviam instalados provisoriamente. Para o agente de imigração, acabava aqui seu contrato e cada um a partir de agora estava entregue a si mesmo.

Diante do rancho, movimentavam-se as mulheres ocupadas com o preparo da comida e as cozinhas eram divididas em seis. Na frente do rancho, eram abertas, quatro portas armadas e cobertas com folhas de palmeiras. Em cerca de 1m de altura, estava uma tábua coberta de barro, sobre a mesma uma grelha, fechada dos lados também com barro. Sobre a mesma estavam as panelas, das quais se desprendia um agradável aroma de feijão e carne. Fora do fogão, havia uma grande lata num fogo aberto e no qual uma mulher sempre mexia com um grande pau. Na penumbra não pude ver direito do que se tratava e me aproximei: ao fazer isto me senti tremendamente mal, e um homem ao meu lado me explicou de que se tratava de um macaco. Acabara-se minha fome e fui para a próxima cozinha onde só havia feijão e carne seca. Foi minha primeira aventura com um macaco, e isto no dia de Natal.

No dia seguinte os pais de família foram a procura de terra. Meu cunhado Strauch encontrou uma frente no centro de Nova Bremen, na margem direita do Rio Hercílio. Era uma Colônia já iniciada e o mesmo pagou ao proprietário do con-

trato pelo repasse do rancho existente e uma pequena plantação, o preço de 300 Milréis. Meu pai, minha irmã e eu, havíamos assumido o compromisso de ficar algum tempo com ele, já que ele havia pago nossa passagem e agora teríamos que ajudar na instalação da sua Colônia. Os outros procuraram seus lotes nos mais diversos lugares. Tharum, um próximo a Strauch em Nova Bremen; Buchner e os irmãos Maas na Margem direita do rio Hercílio, que desce do alto Schariach; e Grepler, no rio Krauel. Dois meses depois da nossa partida da Alemanha estávamos todos instalados.

Começamos agora com o trabalho na propriedade do cunhado Strauch. A casa precisava ficar habitável e mais confortável, era preciso construir um galinheiro e um curral para porcos. Tudo para mim era trabalho estranho mas para meu pai, não.

Com ele aprendemos a construir, cortar árvores na floresta e fazer tábuas. As paredes da casa foram cobertas com barro, que tirávamos diretamente do chão batido da casa, sem buscá-lo de muito longe. Cavava-se um buraco, o barro era afogado, jogava-se água, formando-se a massa, a qual nós adicionamos palha e amassávamos com os pés. Isto não era um trabalho fácil, pois o difícil estava em tirar os pés dessa massa. Na outra etapa a massa era atirada contra a parede que fora feita de folhas de palmeiras, trançadas com taquara e amarradas com cipós. Nas aberturas da parede, a massa entrava e misturando-se com a palha fixava tudo. Depois de alisada e seca, era pintada com argila branca. Depois eram cortadas as tábuas para o assoalho. Meu pai fez as camas, mesas e cadeiras. Só agora começamos com a derrubada da floresta, depois de um mês queimamos a madeira que estava no chão, limpamos o resto e tínhamos agora a terra para plantar. Semearmos milho e feijão; plantamos aipim, uma raiz comestível; batata doce em maior quantidade, para termos também

roção para o gado e os porcos. Também preparamos o pasto! Logo quando este ficou verde como um tapete, é preciso cercá-lo. Quem tem dinheiro, cerca com arame farpado, não tendo, usa-se palmitos partidos ao meio, que se amarra com cipó.

As plantações têm que ser feitas com tempo úmido, para que possam desenvolver-se logo, mas também devem ser limpas das ervas daninhas. A natureza se encarrega do resto, de maneira que em poucos meses tínhamos milho, feijão e batatas. Meu pai podia agora pensar em si e em nós, o cunhado Strauch já podia dar conta de tudo sozinho. Ele assumira uma Colônia às margens do rio Krauel, onde já fora derrubada um pedaço de floresta. Enquanto eu ainda ficava alguns meses com meu cunhado para ajudá-lo, meu pai e minha irmã já de manhã bem cedo iam para a colônia, que ficava alguns quilômetros afastada, para ali trabalhar regressando somente à noite. O caminho até o Rio Krauel já estava pronto, mas faltavam as pontas. Eles tinham que atravessar o rio sobre troncos estendidos, numa travessia bem perigosa, imaginem o quanto era fácil escorregar em tempo chuvoso. Depois que os dois construíram um pequeno rancho permaneceram na colônia, instalando-se aos poucos. Como auxílio para sobrevivência, meu pai recebia da Companhia Colonizadora 20 Milréis por mês. Com esta importância eram comprados os alimentos que mais necessitávamos como: café, fubá, toucinho e feijão, arroz, sal, vinagre e petróleo. Para tornar a alimentação menos dispendiosa, utilizava-se palmito e um papagaio ou tucano, os quais eram abatidos em grande quantidade, pois causavam prejuízos no milharal em fase de crescimento.

Depois de decorrido o tempo que me comprometera a ajudar meu cunhado, deixei-o para dar assistência a meu pai. Na sua Colônia o auxiliéi na derrubada da floresta, construção de um rancho, plantio de milho, feijão, aipim e batatas. Minha

irmã Martha, além de sua atividade na cozinha, tinha que ajudar em tudo: na derrubada da floresta; queimando e limpando a roça; plantando e fazendo muitos trabalhos pequenos. Para ninguém o trabalho era demais, tudo era suportado com muito humor, e coragem. No trabalho de queimada da roça, que durava até altas horas da noite, cantava-se bem alto as canções da pátria que ecoavam para dentro da floresta. De lá se ouvia, com tempo claro, a gritaria dos macacos que pulavam de galho em galho; eram os bugios e uma espécie menor e bem preta. Uma única vez meu pai atirou num deles, para nunca mais o fazer, pois ele nunca esqueceu o triste e acusador olhar do pobre animalzinho ao morrer.

Nós plantamos ao longo do caminho uma cerca viva de pés de tangerinas que se desenvolveram em curto espaço de tempo e por muitos anos deram frutas e serviram de cerca para o gado. Plantamos uma área com grama em volta da casa, para ter pastagem; e pés de laranja, tangerinas e pêssegos. Dessa maneira, tínhamos terminado o trabalho mais necessário.

Compramos dois porcos, que na falta de grãos eram alimentados com palmito.

Como éramos filhos da cidade, minha irmã e eu observávamos o rápido crescimento de todas as plantas em nossa terra rica em humos. Em poucas semanas já podíamos retirar do solo as primeiras batatas doce, que nos ajudavam a variar nosso cardápio diário. Também tínhamos galinhas e assim houve uma mudança na nossa mesa aos domingos.

Agora já havíamos saído da maior necessidade. E a saudade que sentíamos da nossa cidade, Magdeburg, e dos nossos familiares que ali ficaram, era sempre reprimida pelo amor crescente à nova terra Brasil, e ao que já havíamos construído com muito suor.

Podíamos também pensar em mandar buscar a mãe, a irmã Ana e o irmão Paul. Mas primeiro teríamos que construir uma

casinha maior para todos. Papai e eu cortávamos as tábuas com o serrote e quando julgamos ter o suficiente, dividimos o serviço. Meu pai cortava as estacas para a armação; e minha irmã e eu serrávamos uma árvore, da qual cortávamos os sarrafos que seriam usados na cobertura da casa.

Logo nossa casinha estava pronta e então, abrimos mais a floresta para termos mais terra para o plantio.

Devido muito trabalho, só pudemos visitar os vizinhos Grepler e Kipfer. Como isto não era tão importante, fizemos contato com colonos que residiam no Rio Krauel até Nova Zurique, onde viviam entre eles algumas famílias da Suíça. Quando mais tarde estas famílias foram embora, este lugar foi denominado assim pelo senhor Wilhelm Göbel, de Breslau e somente depois passou a ser chamado de Presidente Getúlio.

Uma vez por semana nos reuníamos para participar de uma aula de canto, administrada pelo professor Grage; e às aulas de português, pelo senhor Wilhelm Göbel. Neste meio tempo fora concluída a estrada e nós podíamos ir de carroça até Nova Zurique.

A Colonização da Hansa Alta aconteceu devagar. Na altura do Morro dos Carpatos até Nova Bremen, quem residia neste trecho eram os Sommer, Maiberg, Pixner e Weidmann. Em Neue Bremen mesmo, morava Paul Krause.

Na outra margem do Rio Hercílio, frente a Neue Bremen residiam Tharum, antes Peters; Prachthäuser, Strauch, antes Trautmann; Rudolf Krause, Horak, Tomaschütz, Bohnert, Vanselow, Koschel e Fritsch, até a embocadura do Krauel. Destes para cima: Stunitz, Bars Knebel, Grepler, Wille, antes Hanfee; Kipfer; irmãos Wenzel, Müller, Kaberstein, Guth, Eberhardt, Leitis, Stephan, Grage e Göbel. E em frente ao Krauel: Straatenhoff, Nies e Johann Schweizer

Na margem direita do rio Hercílio, na desembocadura do Krauel, morava

Schultz que era o balseiro de Neubremen, e assim chamada Misslerallee, onde ninguém morava. Mais acima de Schulz, moravam Pukali, Wünsche, Schenk, Buchner, Klahr e Schlüter. Na margem esquerda do Hercílio, em direção Neu Bremen até Nova Zurique, situavam-se as Colônias de Meyer, chamado "Bigodão" por causa de seu enorme bigode; depois os irmãos Gottstein, que mais tarde morreram afogados no rio; depois Stein e Dannehl. Como último morador, residia junto ao Rio Scharlach, Heinrich Siebert.

Quando o adiantamento da Cia. ultrapassou os 300 Milréis, meu pai ficou muito preocupado. Eu lhe propus acabar com esta dívida trabalhando na construção de estradas, para a Colonizadora Hanseática. Ele concordou, comprei uma pá e enxada, fiz uma pequena trouxa de roupa e na manhã seguinte juntei-me ao grupo que trabalhava na estrada para Scharlach.

Ali cheguei ao meio-dia. Havia um comprido alojamento, onde se dormia lado a lado, sobre folhas de palmeiras.

Depois do almoço fui com os outros para o trabalho na estrada. Logo cheguei a conhecê-los, ajudei na abertura de picadas, construção de caminhos e pontes, fosse no Scharlach, KRAUEL, índios, Raphael e a região do Sellin.

Como eu gostava de trabalhar e era versátil, supervisores e a do diretor Mörsch que sempre me tratava com simpatias em suas viagens de inspeção, dirigindo-me algumas palavras.

No fim do ano, chegaram minha mãe, minha irmã Anna e meu irmão Paul, a alegria foi grande, pois traziam alguns artigos domésticos como camas, roupa, vestimentas, sapatos, utensílios de cozinha e outros artigos de valor. Minha mãe bateu as mãos sobre a cabeça, quando viu nessa instalação, admirando-se como podíamos viver tão primitivamente. Quando mudamos para nossa Colônia, não tínhamos xícaras, pratos, facas, garfos, colheres, e nem mesmo panelas, pois estava previsto que ficaríamos com o cunha-

do Strauch. Só possuíamos a roupa que trouxéramos da Alemanha, cada um o cobertor de lã, um saco de palha de milho e um jogo de pratos combinado, tudo de lata. Colher e garfo foi o que pudemos levar do navio. Uma pequena panela nos foi doada pelo senhor Arthur Vanselow. E com o dinheiro adiantado, compramos uma panela de ferro com três pés; uma vasilha de latão para o café; a chamada chocolateira e uma frigideira de ferro, que constituíam nossa instalação. Nossos sapatos não podíamos usar mais, pois com a doença de aclimatação nossos pés estavam inchados e de tanto passamos sebo, o couro ficara duro. Nós agora, como todos os outros, andávamos descalços.

No dia de São Silvestre, na tarde do ano de 1905 minha irmã Anna queria visitar meu cunhado Strauch. Como a estrada até a nossa Colônia não estava transitável, meu pai queria levá-la Rio Krauel abaixo até a propriedade dos Koschel. Ao embarcar na canoa ela escorregou, bateu a cabeça na borda da embarcação, perdeu os sentidos e caiu na água. A margem do rio estava entulhada de galhos e ela não pôde voltar a tona d'água, não podendo ser salva.

O corpo só foi encontrado bem mais tarde no dia do Ano Novo à tarde. O mesmo destino teve 10 anos mais tarde o filho Emil, de meu cunhado Strauch, que ao atravessar o Rio Hercílio na outra margem, na hora de desembarcar escorregou na canoa, bateu forte com a cabeça na borda, ficou inconsciente, caiu na água e morreu afogado.

Nesta ocasião gostaria ainda de mencionar outros acidentes. O colono Nicolau Leitis, um russo residente no Rio

Krauel, foi morto pela queda de uma árvore de baguassu (sic).

Numa pequena Ilha do Rio Hercílio foi encontrada a canoa dos irmãos Gottstein. Quando foram procurar os tripulantes da mesma, viram-nos boiando mortos na água e puderam ser recolhidos. O irmão de nosso vizinho Kipfer, sofria muito com os ataques de malária e apesar do constante uso de quimina, estes não queriam ceder.

Certa ocasião de visita a Vanselow, (que neste meio tempo havia casado e cuidava do negócio da Cia., estando instalado no rancho dos imigrantes), para ali comprar quinino, este reclamou para Vanselow, que era droguista formado na Alemanha, que não conseguia se livrar da febre e pediu a ele que lhe desse um outro remédio, e não quinina. Vanselow levemente lhe respondeu, que então comprasse um vidrinho de Creolina, misturasse com água e tomasse. Kipfer comprou um vidro de creolina, e na viagem de volta no Rio Krauel, quando foi acometido por um ataque da febre, abriu o vidrinho, chegou até a queda d'água do rio Krauel, onde pelas pedras se podia alcançar a propriedade de seu irmão, bebeu um gole de creolina. Com isto queimou a garganta e estômago, morrendo logo em seguida sob horríveis dores.

Um outro trabalhador de Vanselow, de nome Nicolai foi atacado no pasto por um touro e quando quis salvar-se pulando uma cerca, o touro o apanhou com os chifres atirando-o no chão e pisoteando-o até a morte.

Minha mãe trouxera da Alemanha, muito tecido de linho, uma parte foi vendida e com o dinheiro compramos uma vaca leiteira, que custou 110 Milréis. Agora tínhamos leite, queijo e manteiga.

(Continua)



Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Comentário sobre uma obra de autoria do engenheiro Eduardo José de Moraes, na época diretor da construção da Estrada Dona Francisca.

Publicação de 11 de março de 1871

O Sr. engenheiro Eduardo José de Moraes teve a gentileza de nos oferecer um exemplar da obra de sua autoria «A Nevegação Interna do Brasil. Relato sobre os projetos apresentados a respeito da ligação das diversas bacias hidrográficas do Brasil ou Compêndio sobre a futura rede geral de suas vias fluviais navegáveis. Rio de Janeiro 1869».

A referida obra, extremamente meritória e escrita com absoluto conhecimento de causa, apresenta, após uma introdução geral acerca do Brasil, suas serras, suas bacias fluviais, e obras públicas, quatro partes: 1º. — a ligação das regiões hidrográficas orientais (Rios Gurgueia, Parnaíba e S. Francisco). 2º. — A ligação das regiões ocidentais (Guaporé, Madeira, Paraguai e em geral, a ligação do Amazonas com a Bacia do Prata). 3º. — As bacias hidrográficas centrais, (Araguaia, Tocantins, Paranaíba e Paraná). 4º. — As bacias menores (Rio Grande, em Minas Gerais, Ivenheima e Mondego). Num apêndice o autor decorre sobre os meios que o Governo poderia dispender na concretização da rede de vias fluviais no Interior. A obra traz ainda um mapa do Brasil, assinalando os traçados canais a serem construídos entre as principais bacias hidrográficas.

— Nenhum país do mundo é dotado com tantos e tão caudalosos rios, como o Brasil. E todos esses rios — removidos vários impecilhos e interligados por meio de canais — representariam um sem número de novas vias de comunicação entre as diversas províncias do interior, todas de valor simplesmente incalculável para o progresso da lavoura, da indústria e do comércio. No entanto, até o presente momento quase nada se faz neste sentido. E o Presidente de Pernambuco, Dr. Moraes Sarmento, teve toda a razão, quando disse, ao ensejo da abertura da Exposição naquela província, em 1866: «Se aplicássemos toda a atividade, a compreensão, o orgulho, para removermos em parte o nosso desenvolvimento, se utilizássemos os gastos enormes, a movimentação febril, com os quais as rodas políticas se degladiam, para chegarem ao poder, enquanto procuram viver às custas do erário público, o futuro dos nossos filhos seria bem outro. No momento, tenho a impressão de serem vítimas predestinadas do desleixo louco das gerações que os precederam».

Notícia no mesmo número

Infelizmente há sempre novos casos de furtos a registrar. Na Rua Alemã, durante a noite, foram roubadas diversas peças de fita, pendu-

radas para secagem, pela mulher de um tintureiro. E no sábado passado, um embrulho, pertencente a um pobre alfaiate, no qual havia todas as suas ferramentas de trabalho e ainda o pano para um colete e uma calça. Se não for possível descobrir logo um destes miseráveis malandros, o mal irá se agravando e ninguém mais estará seguro de sua propriedade.

A coleção do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

FIGURAS DO PASSADO

LÉONCE AUBÉ

Antônio Roberto Nascimento,
do Inst. Genealógico Bras.

Seu nome completo seria Louis François Léonce Aubé e teria nascido na França, à roda de 1816, falecendo em Paris, aos 19.2.1877 (1). Serviu o Exército Francês, na qualidade de engenheiro, após cursar as escolas Politécnicas e de Minas de Paris. Procurador dos Príncipes de Joinville, visitou a então Província de Santa Catarina, em 1844, com vistas a conhecer e escolher as terras de D. Francisca Carolina, filha de D. Pedro II, a quem este dera em dote matrimonial terras no norte de Santa Catarina, dentre as quais terrenos do Tenente-Coronel Francisco de Oliveira Camacho Jr., nosso tio-tetravô, que, a troco deles, recebeu outras numa das margens do Rio Itapocu (2).

Aos 27.9.1851, aportou em São Francisco do Sul, o marco inicial do hoje desenvolvido Estado de Santa Catarina, o brigue "Gloriosa", de que eram passageiros Johann Adolph Haltenhoff (3), sua

mulher Dorrete e três filhas: Marie, Louise e Anna Frederica, esta casada com Léonce Aubé (4).

Em junho de 1852, o cavalo de cela do Sr. Léonce Aubé invadiu o quintal do farmacêutico Boelicke, destruindo sua plantação de verduras (5), o que, em passo contínuo, provocou violenta reação por parte do dito boticário, que não hesitou em puxar o gatilho e matar o elegante animal, e, após isso, queixa de seu proprietário, o nosso biografado, ao Juiz de São Francisco do Sul, mediante petição redigida em francês por Costa Pereira e traduzida por Eduard Schröder, a qual, como até hoje ocorre, remanesceu sem apreciação judicial. Halenhoff, o sogro de Aubé, era doutor em ciências jurídicas (6).

Friedrich Heeren, que chegara à Colônia D. Francisca, em setembro de 1851 (7), casa, em dezembro de 1852, com a primogênita do Dr. Haltenhoff, juiz de paz

1 — Cf. ELLY HERKENHOFF, **Dicionário Político Catarinense**, Florianópolis, 1985, Ed. da Assembléia Legislativa, p. 60.

2 — Cf. A. R. NASCIMENTO, **Terras de Colonização**, in jornal "A Notícia", ed. de 24.4.92, n. 18.650, p. 2.

3 — Cf. CARLOS FICKER, **História de Joinville, Crônica da Colônia Dona Francisca**, 2ª. ed., Joinville, 1965, s. ed., pp. 99-101.

4 — Cf. E. HERKENHOFF, id. ib.

5 — Cf. FICKER, ob. cit., pp. 121-122.

6 — Id. ib.

7 — Cf. FICKER, ob. cit., p. 176

em 1855, cujo nome era Sophie Joanne (?), tornando-se concunhado de Léonce Aubé, que, em julho do mesmo ano, havia casado com a caçula da família Haltenhoff, enquanto que Georg Adolf Otto Niemeyer, em julho de 1853, casa com Louise Caroline. Este último era irmão de Johann Otto Louis Niemeyer, sucessor de Léonce, em 1860 (8), na Direção da Colônia D. Francisca. Anna Aubé foi epônima do núcleo colonial "Annaburg", antes conhecido por "Águas Vermelhas" (9), hoje compreendido no Bairro Vila Nova. Em boa verdade, o sobredito Johann Otto Louis Niemeyer, nascido em Joinville (10), aos 31.5.1869, casou com Sophie Dorothea Lepper, nascida em Joinville também, aos 15.12.1871, filha de Hermann August Lepper, natural da Alemanha, Glückstad, Schleswig-Holstein, e de Helene Dorothea Trinks, natural de Glauchau, Saxônia, o que desvenda a confusão de Ficker.

Friedrich Heeren, natural de Hamburgo (11), onde nasceu aos 21.6.1830, de que se disse ser um sujeito "intrigante", morto em Joinville, aos 29.8.1899, foi pai de Mella Dorothea Christine Ida Heeren (1853-1922), casada com o confeitiro teuto Julius August Bruno Kroene, com quem teve oito filhos.

Luiz Francisco Léonce Aubé e sua mulher D. Ana Frederike Aubé, representados por Adolfo Haltenhoff, venderam, aos 16.10.1867 (12), o sobrado do Beco Geral, em S. Francisco do Sul, ao nego-

ciante José Antônio de Oliveira Cercal Sênior (13), pelo preço de 500\$000 réis, estremando, por um lado, com casas de Antônio Lopes de Sousa e, por outro, com a dos herdeiros de José Antônio Caldeira, este português, morador na Rua da Praia, filho de Domingos Antônio e de Ana Teresa de Jesus, casado três vezes, a segunda e terceira com filhas do Alferes Agostinho de Sousa Lima.

Léonce Aubé escreveu o livro "La Province de Sainte Catharine", publicado no Rio de Janeiro, em 1861, onde, conforme pudemos verificar, dá certa razão à Província do Paraná, na célebre questão de limites com de Santa Catarina.

Iniciou um caminho, ao lado esquerdo do Rio Cachoeira, em direção à localidade de Três Barras, onde passava a antiquíssima Estrada das Três Barras, por onde se fazia, desde prístinas eras, ao contrário do que dizem alguns autores, o comércio entre São Francisco do Sul e São José dos Pinhais, incluindo Curitiba. Produtos serranos destas, a exemplo de gado, mate etc., por sal, farinha de mandioca, peixe seco e salgado ("cambira") etc., das terras francisquenses, incluindo o Parati e, ao depois, a Colônia D. Francisca. Dito caminho foi conhecido por "picada francesa" e, se não resolveu a comunicação com o planalto curitibano (14), merçê das dificuldades peculiares do antigo Peabiru, cremos que o mesmo não pode ser dito quanto a ligação entre Join-

8 — Ob. cit., p. 245.

9 — Ob. cit., p. 130.

10 — Cf. E. e ROSA HERKENHOFF, *Famílias Brasileiras de Origem Germânica*, 1975, Ed. do Inst. "Hans Staden", V. VI, p. 171.

11 — Cf. EMMA BORNSCHEIN KAESEMODEL, *Famílias Brasileiras de Origem Germânicas*, V. IV, S. Paulo, 1965, p. 662.

12 — V. escritura no livro n. 7, fls. 79 verso e 80, do ex-tabelião do 2º. Ofício da Comarca de São Francisco do Sul.

13 — Cf. A. R. NASCIMENTO, *A Filha do Presidente Tovar e Albuquerque*, in Blumenau em Cadernos, Tomo XXIX, outubro de 1988, n. 10, p. 289.

14 — Cf. FICKER, ob. cit., p. 143.

ville e a Estrada das Três Barras (15).

Havia certa rivalidade entre o empreendimento colonial de Hamburgo e a administração dos bens do Príncipe de Joinville, então na pessoa de Léonce Aubé (16). Em outubro de 1851, **vergi gratia**, auxiliado pelo Dr. Deyrolles (17), após entendimento com seus herdeiros, adquiriu a antiga sesmaria de Antônio de Oliveira Cercal, avoengo do autor desta singela biografia, pelo preço de 200\$000, em nome do Príncipe de Joinville, cujo título estava assinado pelo Vice-Rei de Portugal, devidamente reconhecido pela Câmara de S. Francisco do Sul, e serviu, em 1872, como prova indiscutível contra o luso Bernardo Soares Gomes, esbulhador da posse de tal área. A concessão fora assinada em 1807 e, em 1873, então representante do Príncipe de Joinville (18), demarcou-a judicialmente. O Capitão-Mor Antônio de Oliveira Cercal comandou o Terço das Ordenanças, de 1726 a 1729, e foi o tronco da família de mesmo apelido, cujo apelido foi tirado do lugar "Cercal", em Portugal.

Procurador dos Príncipes de Joinville, assinou em nome deles, aos 05.5.1849, em Hamburgo (19), com o Senador Cristiano Matias Schroeder, o contrato de concessão de terras para colonização, na Província de Santa Catarina, onde foi também Vice-Cônsul da França, a partir de 1849, Diretor da Colônia D. Francisca, de 10.2.1856 a 17.9.1860, quando pediu demissão, tornando-se agente da Cia. Francesa de Navegação, em Salvador, Bahia, de onde foi transferido para o Egito, retornando a França em 1870. sete anos antes de sua morte e onde instalou pequena indústria química, nas cercanias de Paris. Em Santa Catarina, foi Deputado à Assembléia Legislativa Provincial à 12ª. legislatura, de 1858 a 1859. Não logramos descobrir se deixou descendência.

Seu nome, por sem dúvida, deve ser acrescido aos franceses que ajudaram nosso Estado de Santa Catarina a chegar no atual desenvolvimento material, deixe embora tanto e meio de sê-lo no desenvolvimento cultural.

15 — Acerca da Estrada das Três Barras, q. v. MYRIAM SBRAVATI, **São José dos Pinhais, 1776-1852, Uma Paróquia Paranaense em Estudo**, Curitiba, 1980, JÚLIO E. MOREIRA, **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaquá até a Emancipação do Paraná**, Curitiba, Imp. Oficial, 1975, p. 549 e mapas, Pe. RAULINO REITZ, **Botânicos no Bissecular CAMINHO VELHO**, in Blumenau em Cadernos, Tomo IV, n. 2, fevereiro de 1961, p. 21, e **Novamente o Caminho Velho**, in Blumenau em Cadernos, Tomo IV, n. 8, agosto de 1961, p. 141 (N. do A.).

16 — Cf. FICKER, ob. cit., p. 143.

17 — Cf. A. R. NASCIMENTO, **Os Franceses em Santa Catarina**, in Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIII, janeiro de 1992, n. 1, p. 2.

18 — Cf. FICKER, ob. cit., p. 144.

19 — Cf. E. HERKENHOFF, Dicionário cit., p. 60.

SEU CUCA

- Adair José de Aguiar -

Quando me estabeleci em Ibirama, no escritório de advocacia que pertencera ao Dr. Luiz Alexandre Müller, a par dos encantos naturais da "Cidade dos Belos Panoramas" e da receptividade do povo acolhedor, logo me cha-

mou a atenção a figura de um senhor de certa idade que andava diariamente pelas ruas.

De bicicleta, em marcha lenta, chapéu branco de abas largas ou de boné, parecendo de origem alemã, vi-

nha do Bairro Bela Vista para o centro. Aí, guardava o seu veículo em algum lugar e saía andando, parando nas esquinas, na frente dos bares, batendo um papo aqui, ali, acolá. Todos o correhciam e ele parecia conhecer a todos.

Diziam que vivia de dinheiro que emprestava a juros e de mel de abelha que comprava e revendia. Para muitos, era uma espécie de pronto-socorro financeiro, sempre dispondo de alguma quantia para emprestar.

O tempo foi passando e eu me acostumei com aquele vulto interessante da cidade. Chamavam-no pelo apelido de "Seu Cuca", talvez pelo nome mal pronunciado Raimundo Pedro Gucker.

Mais tarde, ele começou a vir ao escritório trazendo pequenas cobranças, notas promissórias vencidas e não resgatadas, cheques pré-datados e sem fundos, juros não pagos e coisas assim. Pessoa calma, agradável, vivida, gostava de falar de negócios e de política. Tinha lá as suas opiniões.

Contou que tinha uma sobrinha ali mesmo em Ibirama e um irmão em Rio do Sul; que certa vez, se acidentou com um automóvel, cujas consequências ainda ostentava no rosto atingido por estilhaços de vidro.

Mesmo depois que me transferi para Indaial, mas tendo de voltar seguido a Ibirama, devido a negócios, a figura do velho agiota — se assim se pode chamá-lo — era uma visão obrigatória encostada às paredes ou perambulando vagarosamente as vias públicas.

Agora, há pouco tempo, regressando a Ibirama, não o vi e estranhei a sua ausência. Perguntei por ele. Foi câncer, me responderam, passou mal, o irmão veio buscá-lo, foi sepultado lá mesmo em Rio do Sul. Confesso que fiquei comovido e que, cada vez que volto a Ibirama, sinto falta do "seu Cuca", daquele seu silêncio, sua solidão, seu isolamento, como se o visse ainda perambulando lentamente pelas ruas, marcando com um toque quase folclórico a bela e acolhedora cidadezinha de Ibirama.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta,

• — Ordenação sacerdotal de três descendentes de pioneiros italianos, em 8 de dezembro de 1957.

Elevado número de autoridades civis, militares e eclesiásticas, Padres Franciscanos do Seminário e Paróquia do vizinho município de Rodeio, a comunidade de Ascurra, Sacerdotes e aspirantes do Colégio São Paulo, Associações Religiosas da Igreja Matriz Santo Ambrósio, o Vigário Padre Alfredo Bortolini e representantes das Capelas do Distri-

to, com grande solenidade e brilho festejaram as primícias sacerdotais dos três neo-sacerdotes ascurrenses e, simultaneamente, recepcionaram os irmãos Ângelo e Ítalo Cemin, naturais de Doutor Pedrinho, então distrito de Benedito Novo. Aos cinco Diáconos conferiram-lhes as ordens sagradas pelo Antistite Salesiano, Dom Camilo Faresin, italia-

no nato, então Bispo de Guiratinga, Mato Grosso e hoje, prelado resignatário da mesma Diocese. Foram ordenados Padres em São Paulo, a 8 de dezembro de 1957, festa da Imaculada Conceição, no Santuário Nossa Senhora Auxiliadora, Praça Cel. Fernando Prestes, 233, Luz, São Paulo, capital.

Em janeiro de 1943, Dia da Epifania, Padroeira da Capela Sagrada Família em Ribeirão São Paulo, partiram do Colégio de Acurra, sob a orientação e ordens do Diretor, Padre Questor Américo de Barros, quarenta e três seminaristas, dentre os quais, o autor destas reminiscências, com destino aos seminários salesianos "São Joaquim e São Manoel", nas cidades de Lorena e Lavrinhas, respectivamente, no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo.

Embarcaram no trem das 7:30h na Estação de Acurra para alcançar a primeira baldeação em Blumenau, duas horas depois, e dessa cidade, em caminhão de carroçaria aberta, seguiram para Jaraguá do Sul, onde todo o grupo, na tarde desse domingo, visitou parentes de salesianos em Rio Cêrro. Após as visitas, passaram a noite em pobre pensão familiar, saindo na segunda-feira cedo de trem rumo a Mafra, aí pernoitando. Dessa pequena cidade, na manhã de terça-feira, tomaram o trem procedente do Rio Grande do Sul com destino a Estação da Luz, via Ponta Grossa, Castro, Itapetininga, Sorocaba e finalmente, São Paulo, desembarcando nessa capital, 4a.-feira à noite. Em seguida todos foram alojados no Liceu Coração de Jesus. Uma viagem de segunda classe,

por demais cansativa e sem o mínimo conforto e todos sem um mil réis no bolso. Durante os trinta dias de permanência no Liceu, continuaram a assistir missa, diariamente e à tarde, depois do jantar, bênção com orações e prática de piedade, na imponente igreja Sagrado Coração. Decorrido esse tempo, juntamente com aspirantes procedentes de outros Estados, principalmente, de Minas Gerais, celeiro de vocações sacerdotais salesianas, rumaram todos de trem da Central do Brasil, para os seminários de Lorena e Lavrinhas, quando também nessa ocasião, houve a separação dos seminaristas parentes próximos. Nas duas Casas de formação religiosa acomodaram-nos todos e aos quais, distribuíram as tarefas, dentre muitas, as seguintes: limpeza de refeitórios, dormitórios, pátios, corredores, quartos, salas de aula, cozinha e pátios. Os exames de admissão ao ginásio foram realizados quinze dias após a chegada e não houve alunos reprovados. Os quinze anos de seminário compreendiam na época: quatro de ginásio e um de noviciado. Antes, porém, de começar o noviciado, havia a primeira profissão de fé, e depois de concluído esse ano, cursavam filosofia. Terminada essa fase, procediam em ato solene à renovação dos votos religiosos, para começar os três anos de tirocínio prático, em colégios de internato e externato, onde assistiam os alunos e lecionavam. Feito tal período, ingresavam no Instituto Teológico afim de se prepararem para o ministério sacerdotal. Mas, durante a filosofia, tirocínio e teologia, ministravam lições de cate-

cismo em paróquias e em cuja atividade extra-curricular, incluíam aulas de ginástica, representações teatrais, e o ensino de música gregoriana e polifônica, inclusive instrumentais na banda de música. A seriedade dos seminários era reconhecida por todos os colégios do externato. Os padres que administravam as casas de formação religiosa, imprimiam a todas as atividades estudantis, rigorosa disciplina. Ao longo desses quinze anos, de oitenta e cinco a noventa por cento dos seminaristas não perseveravam e desistiam da carreira sacerdotal, retornando portanto, em sua maioria, ao Estado de origem ou em sua terra natal, ou ainda na cidade mais próxima a fim de procurar empregar-se em empresas ou em colégios particulares para lecionar. Dos quarenta e três catarinenses que embarcaram no dia da festa da manifestação de Cristo aos Magos, celebrada em 6 de janeiro de 1943, em Ascurra, na Capela Sagrada Família, solenidade essa vulgarmente chamada de Dia dos Reis, somente treze voltaram Padres, quais os seguintes: Agenor dos Passos, de Camboriú; Ângelo e Ítalo Cemin, Doutor Pedrinho; Antônio Possamai de Ascurra, hoje Bispo de Ji-Paraná; Hilário e Sílvio Micheluzzi, de Luiz Alves; João Bedeschi, Massaranduba; Júlio Pisetta, de Agrônômica; Laurenno Greter e Vitório Bona de Rodeio; Juvenal Zonta, e Hilário Passero de Ascurra e Nestor José Yunkes de Florianópolis.

A recepção dos cinco padres recém-ordenados ocorreu às 18:00 h do dia 24 de dezembro de 1957,

na escadaria da imponente igreja matriz de Ascurra, após terem passado, embarcados em caminhão aberto, pela primeira vez, na ponte Governador Irineu Bornhausen, prestes a ser inaugurada.

Diversos oradores fizeram uso da palavra. Em seguida fora cantada novena de Natal e Bênção, com expressiva presença de fiéis. No dia 25, Padre Hilário Passero cantou sua primeira missa solene na Matriz Santo Ambrósio, oferecendo os familiares, depois das cerimônias religiosas, banquete a todos os convidados. Em 31 de dezembro, às 9:00h, celebra missa cantada o sacerdote Ângelo Cemin e durante todo o dia, realizaram grandiosa festa popular em homenagem a todos os religiosos recém-chegados. À noite, no Salão de Teatro Domingos Sávio, ocorreu sessão teatral representada pelos seminaristas do Colégio.

No dia 1º de janeiro, ano novo de 1958, às 9:00h, Padre Antônio Possamai, celebra sua primeira missa solene perante multidão de povo e, logo após grande número de parentes e amigos foram convidados para o banquete, oferecido pelos pais e irmãos. E finalmente, para encerrar, o neo-sacerdote Padre Juvenal Zonta, nascido na Vila de Ascurra, celebra também sua missa solene. A Cantoria do Ginásio São Paulo interpretou em todas as cerimônias religiosas dos novos sacerdotes, a grandiosa missa pontificalis II de Perosi a 3 vezes d., sob a regência do maestro Padre Octávio Bortolini. A Família Zonta convidou autoridades, parentes e amigos para o banquete. A Banda do Colégio Sale-

siano São Paulo abrilhantou às grandes comemorações que marcaram época no então pequeno distrito de Ascurra.

No próximo número de "Blumenau em Cadernos":

- Presença das Irmãs Salesianas em Ascurra.
- Biografias dos Padres Salesianos ascurrenses: Sílvio Mondini, Virgínio Fistarol, Ângelo Moser e Tercilio Chiarelli.

ACONTECEU...

ABRIL DE 1994

— DIA 2 — No Palácio Barriga Verde aconteceu, às 9 horas, a solenidade de transferência do cargo de governador do Estado, pelo então chefe do Executivo Vilson Pedro Kleinubing ao vice-governador Antônio Carlos Konder Reis.

— DIA 5 — Foram iniciados os trabalhos de recuperação da Praça do Trabalhador, situada na confluência das ruas Amazonas, Progresso e Glória, no bairro Garcia, obra esta há muito aguardada pela população daquele bairro. ** Segundo estatísticas divulgadas, o feriadão de Páscoa de 1994 registrou, nas estradas catarinenses, nada menos do que 12 (doze) mortes por violentos acidentes de trânsito. Além dos mortos, resultaram ainda 79 pessoas feridas. ** A imprensa também noticia o falecimento da anciã Hildegard Schreiber, de 65 anos, encontrada dentro de um poço, em frente à sua residência. ** No anfiteatro do Bloco T. da FURB, aconteceu a noite de autógrafos do livro do pesquisador Alexandro Machado Namem "O Botocudo", Uma História de Contacto. A noite de autógrafos foi ilustrada pelo autor com uma importante palestra versando sobre o livro.

— DIA 7 — Com solenidade ocorrida às 22 horas e em seguida um grande baile de gala no Galpão do CTG "Fogo de Chão", foi aberta a 12ª. Festa do Cavalo em Blumenau e que contou com a participação de cerca de 120 Centros de Tradição Gaúchas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. ** A imprensa noticia que foi interdita, por insalubridade, a Escola Estadual "Hercílio Deeke", localizada em Fortaleza Alta. A Vigilância Sanitária lacrou os banheiros após vistoria que alertou a situação de risco. A escola tem matriculados 1.500 alunos. ** NA PROEB, pela Secretaria de Turismo, foram abertas as inscrições para o concurso de elaboração do cartaz da OKTOBERFEST-94. ** Em Ascurra, foram iniciados os festejos para comemorar a passagem dos 31 anos de emancipação, ou instalação do município. ** No Teatro Carlos Gomes, foi iniciado, por Cecília Canto e Marcos Ponce, um interessante curso de perna-de-pau, com o ensino da técnica do equilíbrio. ** Na Igreja Evangélica do Centro, aconteceu um grandioso espetáculo pelo grupo alemão Heinrich-Isaac-Ensemble, da cidade de Karlsruhe. Os 16 músicos apresentaram, além do canto gregoriano, canções folclóricas da Alemanha, França e Itália. O grupo foi formado em 1990, por ex-alunos da Escola Superior de Música de Karlsruhe.

— DIA 8 — Cerca de 250 cavaleiros participantes da 12ª. Festa do Cavalo em Blumenau desfilarão pelas ruas principais da cidade, agitando a população por ser um acontecimento raro a acontecer.

— DIA 9 — Teve início a Festa Anual da APAE, que se realiza há cinco anos seguidos. Dentre as atrações globais Alexandre Frota e Luis Felipe. ** A Imprensa informa sobre a prisão de três pessoas que, nas proximidades da Escola Básica Alberto Stein no Bairro Água Verde, duas delas procuravam traficar cocaína enquanto que a outra por agenciamento do jogo de bicho.

— DIA 9 — Na Choperia Ôpa GARNI, aconteceu o show musical do aplaudido sanfoneiro Renato Borghetti, que, sob os aplausos de numeroso público apresentou as mais aplaudidas peças de seu vasto repertório. ** Em Timbó, no Morro Azul, os roqueiros fizeram rolar o som durante todo o dia, do 2º. Mountain Rock Festival. ** Em Itajaí, no hall da Biblioteca Central da Univali, os alunos de Educação Artística da FURB de Blumenau expuseram trabalhos por eles confeccionados. ** O Pród-Dança de Blumenau e a Orquestra de Câmara realizaram às 9 horas o primeiro ensaio para a primeira apresentação conjunta a realizar-se no dia 20 seguinte. ** Milhares de crianças participaram da abertura da Festa Anual da APAE, que teve como atração Alexandre Frota e Luis Felipe. ** Um grupo de 14 jornalistas americanos chegou a Blumenau nesta manhã. Os mesmos haviam desembarcado em Florianópolis na quarta-feira, para uma visita às praias da ilha e outras mais, incluindo a cidade de Blumenau.

— DIA 12 — Após uma semana fechada devido à interdição dos banheiros pela Vigilância Sanitária, a Escola Estadual "Hercilio Deeke" do bairro Fortaleza Alta, voltou a ter aulas. Os banheiros foram recuperados por uma comissão formada por pais de alunos.

— DIA 13 — O prefeito Renato Vianna recepcionou, às 14:30 horas, em seu gabinete, o médico e ex-diretor do Instituto Pasteur, de Paris general Jean Lanmguillon, acompanhado pela condessa Flora de Moustier, representante da Ordem de Malta no Brasil. ** A Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí — AMMVI — reuniu-se na prefeitura de Blumenau, em assembléia, para discutir questões relacionadas com a despoluição do rio Itajaí-açu, medidas com loteamentos irregulares e da Taxa de Iluminação Pública — TIP. ** O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, foi aclamado por cerca de 2.500 pessoas que lotaram a frente da Reitoria da UFSC na cerimônia de entrega do título "Doutor Honoris Causa".

— DIA 14 — A Orquestra de Câmara do Teatro Carlos Gomes voltou ao palco, às 20:30 horas, nesta noite, sob a regência do maestro Cláudio Ribeiro. No programa constou Haendl, Geminiani, Bach, Guerra Peixe, Copland, Mozart e Rossini.

— DIA 15 — A direção nacional da Ultragas chegou a Blumenau para conhecer as instalações de sua primeira franqueada do sul do país, a empresa Rocas Comercial, em funcionamento desde o final de março. ** A imprensa noticia a oportunidade da iniciativa da empresa Moore Formulários Ltda., na realização, durante a semana, em sua unidade instalada em Blumenau, do seminário "Qualidade Total". ** Às 21 horas, em solenidade concorridíssima, foi inaugurado o Dancing Coliseum, um dos mais requintados locais de diversão para pessoas de todas as idades, localizado à Alameda Rio Branco, 210, e que estará aberto ao público de quinta a sábado. ** Na Praça de Eventos do Shopping Neumarkt, foi instalada a exposição de aeromodelos a rádio confeccionados pelos integrantes do Clube de Aeromodelismo Asas do Vale.

** Na Galeria Municipal de Artes foi aberta a exposição "Interespaços", da artista plástica Linda Suzana Poll. ** A imprensa dá destaque à iniciativa da Prefeitura Municipal que distribuiu, em toda a rede de ensino no município, cartilha que ensina as crianças como agir nas enchentes. ** A Promenor lançou o Plano de Desenvolvimento 94, visando estimular o aprendizado da criança. ** Os funcionários do Hospital Santo Antônio foram vacinados com a segunda dose contra a Hepatite B. ** A administração do Hospital Santa Isabel decidiu aderir ao movimento de suspensão de atendimento eletivo ao beneficiário do SUS. ** Com um vasto e bem elaborado programa de comemorações, Rio do Sul registrou neste dia 15 de abril o transcurso de seus 63 anos de emancipação política.

— DIA 16 — Na Câmara de Vereadores foi aberto, às 8 horas, o Primeiro Seminário do Servidor Público de Blumenau, para debater a revisão do estatuto que rege a vida do servidor.

— DIA 20 — Na Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller, constitui agradável atração a exposição promovida pelo Arquivo Histórico da Fundação "Casa Dr. Blumenau" sobre "Vida e Obra de Fritz Müller". ** No saguão da FURB, foi aberta a exposição de peças a partir de sucata, obras do autor Ademir Russo. A mostra constituída de 30 peças, causou boa impressão aos que visitaram a excelente exposição.

— DIA 23 — Os escoteiros integrantes dos agrupamentos blumenauenses, iniciaram neste dia um trabalho de admirável beleza: integrando a campanha "Ajude a ajudar", bateram em milhares de portas nos diversos bairros e no centro da cidade, angariando tudo que foi ofertado, destinando a coleta ao Comitê da Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria. O trabalho dos jovens escoteiros sensibilizou a população que colaborou da maneira mais franca possível, tornando a ação dos jovens sob a égide de "Solidariedade um santo remédio", totalmente vitoriosa nesta primeira etapa. ** Para melhorar o estado do leito da Rua Amazonas, trecho já implantado com o serviço de esgoto, a prefeitura interditou neste dia o mesmo trecho, para proceder a um revestimento rápido de asfalto. ** Teve início o 1º. Encontro Nacional de Direito Alternativo, cuja abertura oficial ocorreu no dia anterior, tendo por local o salão de reuniões do Hotel Himmelblau. ** O Instituto de Pesquisas Sociais da FURB lançou Concurso de Criação de Logotipo, com o objetivo de criar sua identidade visual.

— DIA 26 — Foi aberta, na PROEB a Hotelfeira, com a participação de 80 expositores de equipamentos, materiais e serviços destinados à rede hoteleira do país. ** A Prefeitura de Blumenau, através da Divisão de Assistência Social, da Secretaria de Ação Comunitária, apresentou números alarmantes da pobreza na cidade. Só em 1993, o Departamento de Bem Estar Social recebeu 19.978 pedidos de auxílio, tendo atendido 16.531. Os pedidos maiores sempre foram de alimentos, depois emprego, habitação e saúde. Do início deste ano até esta data, segundo o relatório agora conhecido, já chegaram àquele Departamento 3.272 pedidos de auxílio.

— DIA 27 — Teve início, no Colégio Sagrada Família, o cumprimento de um vasto programa para comemorar, no ano que vem, os 100 anos de sua fundação. Neste dia 27 de abril de 1994, o Colégio registra o transcurso de seus 99 anos de

fundação. **: Segundo foi divulgado na imprensa, o relatório apresentado pela Ouvidoria criada na Prefeitura de Blumenau adianta que no seu primeiro ano de atividade após sua criação, a Ouvidoria atendeu a 4.310 consultas. **: No Teatro Carlos Gomes, estreou a peça "A Farsa da Mulher Perfeita", uma dose certa de humor que agradou plenamente.

GENEALOGIA DAS FAMÍLIAS GEHRENT - SCHMIDT, SILVA - GORGES

(Continuação)

Ancestrais de Pedro Ernesto da Silva, autor desta pesquisa.

As nossas raízes provêm dos fundadores da 1ª. colônia alemã de Santa Catarina — São Pedro de Alcântara — spa, em 1829.

Cap. I — Dos Gehrent, nossos antepassados, não há registro de seu advento a nossa Pátria.

Sabemos que a viagem, a bordo de um veleiro alemão, foi longa e penosa, a ponto de se esgotarem todos os alimentos, conforme relatava D. Clotilde Gehrent, nossa mãe, chegando a comer couro cozido.

Encontramos, em spa, vestígios de sua vida religiosa, por volta de 1850.

Para conhecer os Gehrent temos que voltar aos Schmidt, por parte de Ana Schmidt que se integra no casamento de Pedro João Gehrent e Ana Schmidt, nossos avós maternos.

A — O Patriarca Miguel Gehrent é o mais antigo representante de que temos conhecimento. Sua esposa Ana Maria Pudinger + a 02/06/ 1863, c/76a. n. 1787 e foi sepultada em Biguaçu. São nossos trisavós maternos.

B — João Gehrent, nosso bisavô materno + em Santa Filomena a 21/07/1855, c/33a., n. 1822, f. de Miguel Gehrent e Ana Maria Pudinger.

João Gehrent e Ana Maria Waltrich, N. 1821, f. Sebastião Waltrich N. 1796 e Ana Maria Wilhelms (Guilherme) n. 1787, alemães, lavradores que vieram em 12/11/1828 a bordo do brigue marquês de Viana e a 25/09/1829 os Waltrich foram para spa, que estudaremos no final deste capítulo.

C — Pedro João Gehrent, n. a 21/08/1854, bat. spa a 01/10/1854, filho de João Gehrent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821, n/p Miguel Gehrent e Ana Maria Pudinger, n. 1787.

Por volta de 1870, cc Ana Schmidt, n. 30/09/1857, spa, f. Nicolau Schmidt, n. 1815, Brohl, Alemanha e Margarida Bins, N. 1819, f. Nicolau Bins, n. 1791, alemão e Ana Maria Pudinger, n. 1781, n/p. Miguel Bins e Maria Catarina Mintln, n/paterno de João Pedro Schmidt, n. 08/09/1791, Brohl, Alemanha cc Maria Madalena Weischem, n. 1792 e, assim subimos até 1645, com Peter Schmidt, cf. Apêndice do Livro " A Casa dos Jasmims", de Frei Elzeário Schmitt. nosso 3º. primo.

Pedro João Gehrent teve, ainda, mais 3 irmãos. Maria Gehrent, Carlos Gehrent, n. 19/04/1850 e Margarida Gehrent.

I Ramo —

Maria Gehrent a 18/10/1863, cas. Spa (51-6), f. João Gehrent e Ana Maria Waltrich, cc Nicolau Martendal, n. 30/04/1839, f. Nicolau Martendal, n. 1801 e Mar-

garida Petry n/p João Martendal, (o 2º.), n. 1776, al. Lavrador e Catarina Normann, (?) n. 1781.

Vieram a 12/11/1828 a bordo do bergantim marquês de Viana e a 29/03/1829, foram para **spa**, n/m Felipe Petry e Ana Meyer, (fl. 193) Fruto da Imigração, (Fi) de P.R. Reitz. C/m. João Martendal, (o 1º.) e Catarina Mormann. (?)

F1-1 Margarida Martendal, n. a 04/06/1866, f. Nicolau Martendal, n. 30/04/1839, e Maria Gehrent.

Em 14/09/1889 cas. SAI, (80-6) cc Pedro Longen, n. 1865, f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich n. 09/09/1843, n/p Pedro Longen, n. 1801 e Maria Gorges, n. 1807.

F2-2 — Maria Martendal, n. 1868, f. Nicolau Martendal, n. 30/04/1839 e Maria Gehrent.

Em 03/11/1888, cas. SAI, (80-4) cc Matias Longen, n. 1862, f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09/09/1843, n/p. Pedro Longen, n. 1801 e Maria Gorges, n. 1807.

II Ramo —

Carlos Gehrent, n. a 19/04/1850 — f. João Gehrent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821, n/p Miguel Gehrent e Ana Maria Waltrich, digo, Pudinger, N. 1787, n/m. Sebastião Waltrich, n. 1796, e Ana Maria Wilhelms (Guilherme) n. 1787.

Carlos foi criado por um tio materno que lhe deu o sobrenome Waltrich e viveu lá para as bandas de S. Joaquim. Só conseguimos informações de um possível descendente, já falecido, de nome Sebastião José Waltrich, que morreu a 15/09/1980. cf. consta do L. 11, Fl. 249, T 585, cart. Reg. de S. Joaquim, c/60a., n. 1920, cc Neivinha, f. José Carlos Waltrich, cc Joaquina Maria Ribeiro e que teria deixado os seguintes filhos: Germano, Carlos, Rogério, Hamilton e Maria Waltrich, que teria um filho de nome Adelson Borges, que mora no interior de S. Joaquim, no local chamado Luizinho, há 28 Km da sede do município de São Joaquim.

Todos os outros filhos teriam se mudado para Florianópolis — Informação dada por uma vizinha, do Bairro Nova Brasília, onde morava Sebastião José Waltrich.

III Ramo —

Pedro João Gehrent, nosso avô materno, n. 21/08/1854 f. João Gehrent, n. 1822, e Ana Maria Waltrich, n. 1821, n/p. Miguel Gehrent e Ana Maria Pudinger, n. 1787 n/m Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Wilhelms (Guilherme) n. 1787.

Pedro João Gehrent deve ter casado em 1876 com Ana Schmidt, n. 30/09/1857. **spa** f. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819, f. Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, que + morreu a 02/06/1863, c/76a., n. 1787 — n/p Miguel Bins e Maria Catarina Mintin — n/p João Pedro Schmidt, n. 08/09/1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — + por volta do 2º. semestre de 1858.

Teve nove filhos (Ver detalhes em F12 — Ana Schmidt, II Ramo Nicolau Schmidt e Margarida Bins).

Pai de:

F1-1 — Hermann Gehrent, n. **06/07/1877** — bat. CT a 02/09/1877, Capela Rio Scharf.

F2-2 — Maria Gehrent, n. 1879. Em 22/07/1899, cas. SAI, L6, T31, fl. 44 — cc Antonio Pedro Koerich. n. 1874 — f. Pedro Estefano Koerich e Margarida Schmidt, f. João Adão Schmidt e Ana Maria Bins. **Tiveram 8 filhos.**

F3-3 — Filomena Gehrent, n. 1884. Em 05/02/1898, cas. SAI, L7, fl. 30, T3, cc João José Meurer, n. 1873. Teve 5 filhos.

F4-4 — Augusta Gehrent, n. 06/02/1882. Em 22/03/1907, cas. SAI, L. 8 fl. 12, T10, cc Pedro Duriénx, n. 1885, Itajaí — f. Luis Duriénx e Maria Werner. Teve 8 filhos.

F5-5 — Leopoldo Augusto Gehrent, n. 1884. Em 18/03/1905, cas. SAI, L. 7, fl. 40, T5 — cc Maria Thiesen, n. 1883 — 1ª. esposa — f. Carlos Thiesen e Joaquina Michels.

Leopoldina Longen — 2ª. esposa. Teve 15 filhos.

F6-6 — Rosalina Gehrent, n. 1885. Em 16/11/1907, cas. SAI, L. 8, fl. 23, T61 — cc José Kuhnen n. 30/11/1879 — f. João Kuhnen e Maria Michels — Wargem Grande — SAI. Teve 9 filhos.

F7-7 — Albertina, n. 1889. Em 14/09/1918, cas. SAI, L. 9, T29 — cc Guilherme Hüntemann, N. 1871, viúvo de Catarina Mees, ela de S. Joaquim. Teve 5 filhos.

F8-8 — José Gehrent, n. 08/09/1893, Capivary — Tubarão — SC.

Em 21/04/1917, cas. SAI, L. 9, T19 — cc Leopoldina Lehmkuhl, n. 1898 — f. Augusto Antônio Lehmkuhl e Matilde Clasen. Teve 13 filhos.

F9-9 — Clotilde Gehrent, n. 03/06/1894, Armazém — Tubarão — SC, minha mãe.

Em 28/06/1919, cas. SAI, L. 9, fl. 46V, T15 — cc Ernesto Marcílio da Silva, n. 13/03/1895 — f. Marcílio Manoel da Silva, n. 30/07/1865, Luiz Gorges, n. 1865, Sta. Filomena — f. Antônio Gorges, n. 05/07/1830, e Catarina Trierweiler, n. 1833. Teve 10 filhos vivos e 1 nati-morto.

O viúvo de Ana Schmidt, Pedro João Gehrent, casa-se 2ª. vez em SAI, a 21/10/1896, L. 6, fl. 21, T50 — cc Maria Longen, n. 1859 — f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09/09/1843, filha de Ana Maria Waltrich, n. 1821, n/p. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Wilhelms (Guilherme) n. 1787. Teve 3 filhos.

F1-10 — Synphoriano Gehrent, n. 1897 — cc Maria Dorvalina Koerich, n. 22/10/1904, f. José Francisco Koerich, n. 06/04/1881, e Apolônia Prim, n. 25/07/1887 — n/p. Pedro Estefano Koerich e Margarida Schmitt, filha de João Adão Schmitt e Ana Maria Bins. Teve 5 filhos.

F2-11 — Antonio Gehrent, n. 1898 — cc Eugênia Goedert, n. 20/11/1909, Itup — f. Leopoldo Goedert, n. 1884 e Albertina Broering — SAI — n/p. Pedro Goedert, n. 29/03/1854 e Margarida Zimmermann — b/p. João Jacó Goedert e Catarina Schmidt.

F3-12 — Cristina Gehrent, n. 1900 — cc Augusto Adão Schmitt, n. 1898 — f. Adão Schmitt, e Maria Kuhnen, n/p. João Schmidt e Maria Madalena Bon.

Com a morte de Maria Longen, o viúvo Pedro João Gehrent, casa-se a 3ª. vez com a viúva de Pedro Sens.

Em 25/11/1904, cas. SAI, L. 7, fl. 37, T62, cc Gertrudes Gorges, n. 1859 — f. Antônio Gorges, n. 05/07/1830 e Catarina Trierweiler, n. 1833 — Gertrudes Gorges tinha 11 filhos.

IV Ramo —

Margarida Gehrent, f. João Gehrent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821 — n/p Miguel Gehrent e Ana Maria Pudinger, n. 1787, n/m Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Wilhelms (Guilherme) n. 1787 — cc Hermann Bilck, f. Henrique Bilck e Eva Klein.

F1-1 — Ana Blick, n. 08/08/1882, Sta. Isabel, bat. CT a 06/05/1883, fl. 107, T105 (12) — f. Hermann Bilck e Margarida Gehrent.

A seguir estudaremos a Família Waltrich.

Cap. II — D — Sebastião Waltrich, n. 1796, Alemanha, lavrador, cc Ana Maria Wilhelms, (Guilherme), n. 1787.

Em 12/11/1828 vieram no brigue marquês de Viana e a 25/09/1829, foram para Spa. Tiveram 8 filhos, cf. col. S.C., de J. A. Matos, fl. 218.

Pais de:

F1 — Guilherme Waltrich, n. 1808 —

F2 — Catarina Waltrich, n. 1815 —

F3 — Sebastião Waltrich, n. 1817 —

F4 — Pedro José Waltrich, n. 1819 —

F5 — Ana Maria Waltrich, n. 1821 —

F6 — João Waltrich, n. 1822 —

F7 — Pedro Waltrich, n. 1823 e

F8 — Antonio Waltrich, n. 04/05/1830.

I Ramo —

Guilherme Waltrich, n. 1808 — f. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787 — cc Ana Maria Scherer. Teve 7 filhos.

F1-1 — Margarida Waltrich, n. 20/01/1836 — f. Guilherme Waltrich, n. 1808 e Ana Maria Scherer, n/p Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787 — cc Matias Longen, f. Pedro Longen, n. 1801 e Maria Gorges, n. 1807.

N1-1 — Susana Longen, n. 01/05/1864 — ba. Spa, a 09/06/1864 [72V 52 — f. Matias Longen e Margarida Waltrich, n. 20/01/1836, n/p. Pedro Longen, n. 1801 e Maria Gorges, n. 1807 — n/m Guilherme Waltrich, n. 1808 e Ana Maria Scherer.

Em 28/05/1867, (66-17) cas. Spa — cc José Hames, f. João Hames e Margaretha Emann.

F2-2 — Pedro Waltrich, n. 10/04/1838 — f. Guilherme Waltrich, n. 1808 e Ana Maria Scherer, n/p. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787 — cc Luisa (Elisabeth) Bloeser.

F3-3 — Maria Waltrich, n. 08/04/1840 — f. Guilherme Waltrich, n. 1808 e Ana Maria Scherer, n/p. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787 — cc Matias Gorges.

N1-2 — Egidio Gorges, n. 05/12/1865 — bat. Spa a 06/01/1866 [73V-65] — f. Matias Gorges e Maria Waltrich, n. 08/04/1840 — n/m Guilherme Waltrich, n. 1808 e Ana Maria Scherer — b/m. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787.

F4-4 — Pedro Longen, f. Pedro Longen, n. 1801, e Maria Gorges, n. 1807 — cc Maria Ana Waltrich, f. Guilherme Waltrich, n. 1808 e Ana Maria Scherer.

N1-3 — Filomena Longen, n. 12/03/1832 bat. C.T. a 29/10/1832 — f. Pedro Longen e Maria Ana Waltrich, n/p. Pedro Longen, n. 1801, e Maria Gorges, n. 1807 — n/m Guilherme Waltrich, n. 1808 e Ana Maria Scherer.

F5-5 — Catarina Waltrich, n. 05/02/1844 — f. Guilherme Waltrich, n. 1808 e Ana Maria Scherer — n/p. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787.

F6-6 — Sebastião Waltrich, n. 1850, f. Guilherme Waltrich, n. 1808 e Ana Maria Scherer — n/p. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787 — cc Virgínea Kalbusch, f. Matias Kalbusch e Catarina Kuhnen.

Virgínea Kalbusch + a 16/07/1907, (7V-61) c/52 a., n. 1855 — Deixa 10 filhos.

N1-4 — Maria Waltrich, n. 10/02/1880.

N2-5 — Catarina Waltrich, n. 23/05/1881, + a 01/01/1922, L. 1, fl. 174V, nº. 350 (9-75) AW., cc João Batista Correa.

Deixa 6 filhos:

B1-1 — Sebastião Correa, n. 1910 —

- B2-2 — Saturnino Correa, n. 1911 —
 B3-3 — Ernestina Correa, n. 1913 --
 B4-4 — Pedro Correa, n. 1915 —
 B5-5 — Gaudêncio Correa, n. 1919 —
 B6-6 — Etelvina Correa, n. 1921 —
 N3-6 — Margarida Waltrich, n. 1882 — bat. C.T. a 13/11/1882, fl. 89, nº. 135

(10).

- N4-7 — Ana Waltrich, n. 1885, + a 01/10/1920, c/35 a. Deixa 1 filha:
 B1-7 — Santilha Waltrich.
 N5-8 — Cristina Waltrich, n. 1887 —
 N6-9 — Guilherme Waltrich, n. 17/06/1889 —
 N7-10 — Nicolau Waltrich, n. 29/07/1891 —
 N8-11 — Pedro Waltrich, n. 20/09/1893 —
 N9-12 — Helena Waltrich, n. 08/01/1899 —
 N10-13 — Júlia Waltrich, n. 1901 —

Com a morte de Virgínea Kalbusch, Sebastião Waltrich casa-se 2ª. vez com Catarina... 11.

Sebastião Waltrich morre em Águas Frias, AW. a 18/06/1925, c/75 a.

F7-7 — Maria Waltrich, n. 13/09/1854, bat. Spa, a 22/10/1854 (67V-7) — f. Guilherme Waltrich, n. 1808, Ana Maria Scherer — n/p. Sebastião Waltrich, n. 1796 — Ana Maria Guilherme, n. 1787 — n/m Pedro Scherer e Catarina Heune.

II Ramo —

Catarina Waltrich, n. 1815 — f. Sebastião Waltrich, n. 1796 — Ana Maria Guilherme, n. 1787 — cc Henrique Mutzel, (o 2º.) — f. Henrique Mutzel, (o 1º.) e Ana Catarina Alens. Teve 4 filhos.

F1-1 — Ana Mutzel, n. 15/02/1836, bat. a 17/04/1836 — S.J., fl. 79V.

F2-2 — Ana Maria Mutzel, n. 30/12/1838, bat. a 21/04/1839, S.J., fl. 161V.

F3-3 — Gertrudes Mutzel, n. 03/02/1840, bat. a 27/04/1840, S.J., fl. 187.

F4-4 — Luiza Mutzel, n. 27/02/1844, bat. a 22/04/1844, fl. 339V, S.J. Cf. Fi — PR Reitz, fl. 205.

Temos também em Famílias Brasileiras de origem Germânica — (FBOG), fl. 404 — Tomos: I, II.

(Continua no próximo número)

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XXXIII

Sem Novidades na Frente

S.C. Wahle - 1993

Quando cursava como interno o segundo ano, do Ginásio Catarinense, em 1931, a diretoria deste Ginásio, contratou uma seção de cinema, exclusivamente para os internos assistirem o filme "Sem Novidades na Frente". Tratava-se da adaptação do livro "Im Westen nichts Neues" de autoria

de Erich Maria Remarque.

Erich Maria Remarque, um escritor alemão, nascido em Osnabrueck, conseguiu descrever a guerra com todos os seus horrores como ela realmente fora. Mostrou os lados fracos dos soldados, onde nem todos são valentes, também existem os medrosos e

os covardes. Isto era contra a mentalidade nazista, pois, para eles só existiam alemães heróis, e, por esta razão colocaram este escritor no Index do partido, como leitura e como filme.

Ao retornar para as férias natalinas, contei o fato ao meu pai e fiquei sabendo que este filme fora anunciado para ser exibido em Blumenau, durante o natal. Havia receio por parte do Sr. Busch em exhibir este filme, pelo fato de ter havido ameaças veladas por parte dos nazistas em apurar os alemães que iriam

assistir este filme. O meu pai reuniu-se com mais duas pessoas e entraram em contato com os responsáveis pelo partido nazista, fazendo ver a eles, que, como alemães residentes no país, são considerados visita, e como visita teriam que respeitar as leis, pois, caso contrário prejudicariam toda uma comunidade de alemães, zelosos e cumpridores de seus deveres. Ao que tudo indica, tal iniciativa surtiu efeito favorável e os alemães residentes em Blumenau, tiveram a oportunidade de assistir um filme sem serem molestados.

Raízes da Sociedade Recreativa Indaial

(Schützenverei de 21 de março de 1875)

(Homenagem às memórias de Andreas Erdmann, August Keuneck, Heinrich Hardt, Adolf Engelmann Sênior, Ernest Schoenfelder, Carl Schroeder e Carl Lautl).

Erich Stange

A SOCIEDADE RECREATIVA INDAIAL, fundada em 21 de março de 1875, sob a denominação acima, teve seu primeiro stand de tiro em terras cedidas por Andreas Erdmann, hoje nas imediações da rua Erich Kleine, perto do Curtume Jacobsen. Lá permaneceu durante 20 anos. Em 1895 foi inaugurado um novo stand com botequim, coberto com folhas de zinco, em terras cedidas por terceiros, onde hoje está situado o Supermercado Scheidt.

Até 1891 pagava-se como jóia ou ingresso no quadro social a importância de 3\$000 (três mil réis) e uma mensalidade de \$200 réis. Para construir o novo stand com o botequim foi cobrado a par-

tir de 1892 a cada associado uma taxa única de 5\$000, sem alteração das mensalidades e a jóia de ingresso passou de 3\$000 para 10\$000 (dez mil réis). No início da construção havia no caixa um saldo de 150\$000. O Sr. August Keunecke adiantou mais 250\$000 e o Sr. Heinrich Hardt 150\$000. O custo da obra foi de aproximadamente 550\$000 (quinhentos e cinquenta mil réis). Em 1896 cada sócio antigo tinha que entrar com mais 2\$000. 45 sócios pagaram esta taxa adicional.

Naquele tempo uma garrafa de cerveja custava \$ 140 réis ou 7 vinténs. A música para as festas de tiro variava entre 40\$000 e 60\$000 mais cerveja e comida, que dava

mais 20\$000. Tinha entre 62 e 69 sócios inscritos.

Havia duas festas de tiro anuais e mensalmente, um tiro de treino. Em março, geralmente na Páscoa, tinha o tiro ao pássaro e em setembro o tiro ao alvo. Para atirar era obrigado a estar em dia com o caixa. Só atirador tinha direito à busca do rei. Geralmente as sociedades de tiro de Warnow e Timbó eram convidadas, para participar no tiro ao prêmio, que sempre acompanhava a festa do Tiro do Rei e ao Pássaro. Os prêmios eram objetos de uso doméstico, comprados nas lojas locais. O presidente, já em 1890 até 1912 era o sr. Adolf Engelmann Senior, que em 1912 foi declarado sócio honorário.

Parte dos dados acima foram extraídos de um livro de caixa deste Clube, que inicia em 1891 até 1926 e foi achado por acaso, pela senhora Stephanie Schroeder, esposa do falecido sr. Alfredo Schroeder, em fins deste ano, e doado gentilmente, à S.R.I. A descoberta deste livro acrescentou 20 anos de história ao Clube, pois o documento mais velho em poder da S.R.I. era um livro de atas que inicia em 1910 e vai até 1938.

Em 1912 o Sr. Ernst Schoenfelder foi eleito novo presidente.

Imediatamente foi iniciada uma campanha para a compra de um terreno e a construção de uma sede (definitiva). Foi eleita uma comissão de 5 membros que visitaram diversos terrenos oferecidos, e o escolhido foi o terreno do Sr. Carl Lauth, nas imediações da Estação da Estrada de Ferro.

Foi cobrada de cada sócio uma taxa única de 10\$000 e foi lançada uma campanha de venda de bônus, a serem reembolsados conforme sobra de caixa.

O terreno foi comprado e pago parcialmente. A construção foi iniciada, paga com o que tinha em caixa e o restante financiado pelo sr. Carl Schroeder. Completada a construção, ficou um débito de 200\$000 para Carl Lauth e 400\$000 para Carl Schroeder. Sobre estes saldos foram pagos 6% de juros por ano. Em 1917 o sr. Ernst Schoenfelder emprestou ao Clube 600\$000 para pagar estes débitos, também a 6% por ano.

Dos arquivos da S.R.I. foram extraídos os dados a partir de 1912. Mas nada temos entre 1875 e 1890. Também alguns livros mais recentes faltam.

(S.R.I. — Sociedade Recreativa Indaial agora com um século e 19 anos).

Registros de Tombo de São Francisco do Sul (II)

Pe. Antônio Francisco Bohn

(Continuação)

Termo nº. 13: Transcrições dos avisos que foram publicados por ordem do Sr. Bispo sobre:

- 1) Santos Óleos
- 2) Intenções de missas.
- 3) Catecismo.
- 4) Dias de Jejum.

- 5) Mês do Rosário.
- 6) Culto ao SS. Sacramento.
- 7) Paramentos.
- 8) Ritual Romano.
- 9) Batismo de Adultos.
- 10) Padrinhos de Batismo e Crisma.

11) Da Eucaristia.

Anotações feitas em 10.05.1896.

Termo nº. 14: Circular do Sr. Bispo sobre casamentos, em 12.06.1896.

Termo nº. 15: Cópia do Despacho do Sr. Bispo a respeito da Provisão Paroquial, em 26.12.1894.

Termo nº. 16: Registro das novas provisões eclesiásticas, em 03.06.1896.

Termo nº. 17: Cópia "ipsis verbis" da Carta Circular do Bispo aos párocos, em 12.12.1896.

Termo nº. 18: Cópia da Carta do Revmo. Secretário Diocesano, em 16.12.1896.

Termo nº. 19: Cópia da Carta de Pe. Alberto José Gonçalves sobre a sagração de Dom José de Camargo Barros, bispo da Diocese, em 1º de outubro de 1894.

Termo nº. 20: Cópia da carta de Pe. Alberto José Gonçalves sobre a conveniência da escolha de uma pessoa para receber e expedir documentos da Diocese, em 03.10.1894.

Termo nº. 21: Declaração do Pe. Alberto José Gonçalves de que, com o desligamento da diocese de São Paulo, o dia 25 de janeiro deixa de ser santificado (10.01.1895). Transcrição do Pe. Nóbrega em 28.12.1896.

Termo nº. 22: Registros de provisões de dispensas matrimoniais concedidas a vários oradores da Paróquia, em 31.12.1896.

Termo nº. 23: Registro da Carta Pastoral que o Sr. Bispo mandou publicar no Diário do Paraná, n. 14, em 05.01.1897.

Termo nº. 24: Mandamento do Sr. Bispo a respeito de sua Carta Pastoral:

1) Fica determinada a festa de 1ª Comunhão.

2) Que a data seja fixa em cada ano.

3) Determinação a respeito da

idade de 10 anos.

4) Que a Catequese Paroquial seja realizada em três classes.

5) Que as aulas sejam em dias e horários fixos.

6) Que se respeitem as normas canônicas quanto à pregação.

7) Nomeação de um padre diretor geral de catecismo.

8) Que o Mandamento seja transcrito no Livro de Tombo.

Documento feito em Curitiba em 05.01.1897.

Termo nº. 25: Relatório do Pe. Francisco Suling, da Caixa Diocesana, em 02.03.1897.

Termo nº. 26: (Cópia ipsis verbis) Mandamento para que depois da Bênção do SS. Sacramento seja recitado em alta voz o Bendito seja Deus, em 03.04.1897.

Termo nº. 27: Registro das procições realizadas, bem como das provisões de vigário encomendado da Vara de São Francisco, em 16.07.1897.

Termo nº. 28: Cópia da Circular de S. Excia. Revma. em 17.06.1897 que trata da Visita Pastoral ao interior do Estado do Paraná.

Termo nº. 29: Circular sobre a conclusão do Santuário de Lepanto, em 17.11.1897.

Termo nº. 30: Provisões de dispensas matrimoniais concedidas durante o ano de 1897.

Termo nº. 31: Registro de uma Circular e de uma Carta Pastoral do Sr. Bispo sobre a imprensa e o jornal "A Estrela", em 01.01.1898.

Termo nº. 32: Provisão de fabricante em favor do pároco, em.. 18.04.1898.

Termo nº. 33: Registro das provisões de vigário da Vara da Comarca de São Francisco e de vigário encomendado da Paróquia de Nossa Senhora da Graça, concedida pelo Sr. Bispo de Curitiba, em 25.05.1898.

AS BODAS DE FERRO DO CASAL WERNER-BERNARDINE GARNI

As primeiras horas da noite de 30 de março último, o estimado casal Werner-Bernardine Garni reuniu, no Restaurante e Choparia Ôpa Garni, à rua Alwin Schrader, numerosos amigos e admiradores para festejar um acontecimento muito importante: a passagem dos 65 anos bem vividos pelo casal que, juntos, somam 173 anos de idade: Ele, Werner, com 88, ela, Bernardine, com 85 anos.

A reunião festiva, compareceram as figuras mais representativas da sociedade e comunidade blumenauenses e, as horas decorridas no ágape fraterno e muito chopp, serviram para confirmar ao distinto casal, ornamento dos

já tradicionais desfiles de abertura da OKTOBERFEST, o quanto é estimado e admirado pela maioria dos blumenauenses que sabem o quanto vale preservar as tradições históricas da cidade em manifestações de apoio tão frequentes nas quais sempre se destacaram Werner e Bernardine.

Aos inúmeros abraços e manifestações de carinho e apreço, recebidos no dia 30 por Werner e Bernardine, acrescentamos o nosso abraço, rogando a Deus que mantenha os dois nubentes de bodas de ferro, com plena saúde e muita disposição, ainda por muitos anos, para alegria de todos nós.

Aconteceu... há 50 anos passados

José Gonçalves

(dados transcritos das páginas do jornal "A Nação")

— DIA 19/03/1944 — O Clube Náutico Marcílio Dias comemorou seus 25 anos de fundação, a qual ocorreu a 19 de março de 1919.

— DIA 02/04/1944 — Em visita oficial a Gaspar, o interventor Nereu Ramos inaugurou as obras de calçamento em paralelepípedos, na rua central da cidade.

— DIA 02/04/1944 — Chegou a Blumenau D. Pio de Freitas, Bispo Diocesano de Joinville, em visita pastoral para ministrar o sacramento da crisma a centenas de fiéis blumenauenses.

— DIA 20/05/1944 — Foi inaugurada a Instaladora de Blumenau, como filial da congênere em Florianópolis. A mesma instalou-se à rua 15 de Novembro, n.º. 877, onde hoje ainda funciona e cuja instalação foi promovida por seu diretor presidente Pedro Cascaes.

— DIA 24/05/1944 — Embarcou no Rio de Janeiro o 1.º. Escalão da FEB — 14. Divisão de Infantaria.

— DIA 29/05/1944 — O jornal "A Nação" registrou a passagem de seu primeiro ano de circulação, por cujo acontecimento sua direção recebeu calorosas manifestações de seus inúmeros leitores.

— DIA 03/08/1944 — Na sede do Clube Náutico América, foi realizada uma festa comemorativa dos 25 anos de fundação do Recreativo Brasil Esporte Clube, mais tarde Palmeiras. O orador oficial foi o advogado Luiz Navarro Stotz.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente Interino : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves



Consórcio
Breilkopf

O SONHO DE TER AUTOMÓVEL OU
MOTOCICLETA, JÁ É REALIDADE.

Consórcio BREILKOPF

Você conhece.

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de
qualidade. Para todo mundo. Em todos os tempos.